

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CULTURA DO *BULLYING* E DESRESPEITO NA ESCOLA**

**Discente:** Wilma Carin Silva

**SÃO CARLOS  
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CULTURA DO *BULLYING* E DESRESPEITO NA ESCOLA**

**Monografia** apresentado como parte das exigências da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elenice Maria Cammarosano Onofre

**Discente:** Wilma Carin Silva

**SÃO CARLOS  
2007**

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elenice Maria Cammarosano Onofre (Orientadora)

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Eduardo Pinto e Silva

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cristina Satie de Oliveira Pataro

Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Ademar da Silva (Suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

A minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.Elenice Maria Cammarosano Onofre por ter orientado este trabalho, pelo seu saber, sugestões, incentivo, paciência, dedicação com que me ouviu e simpatia com que sempre me recebeu.

Aos Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Eduardo Pinto e Silva, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Satie de Oliveira Pataro e Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Ademar da Silva por se disponibilizarem a lerem meu trabalho.

A todos os meus professores da graduação que contribuíram para o meu conhecimento.

Quero também agradecer as professoras, os alunos e a Diretora da escola, o meu muito obrigada pela contribuição para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu namorado Vinícius Gabriel Geiger Porta pelos seus conselhos, pelo seu amor, apoio e companheirismo em todos os momentos.

Quero ainda agradecer as minhas amigas de curso, Débora Ap. Dalmédico e Fernanda Sartini Leite, que muito me ajudaram, me aconselhando durante os quatro anos e meio que passamos na universidade.

Os meus agradecimentos finais com muita emoção são para os meus pais e irmãos, pelo estímulo, pelo apoio incondicional, pelo carinho, pela grande amizade com que sempre me ouviram e me ajudaram.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Luiz e Wilma, que são os maiores responsáveis por essa conquista, pois sempre estão me acompanhando em cada passo da minha vida e me apoiando em cada escolha que faço.*

*Também ofereço esta reflexão ao meu namorado Vinícius pelo carinho e dedicação.*

## RESUMO

Este trabalho tem como tema “A cultura do *bullying* e desrespeito na escola”. A revisão bibliográfica e a pesquisa de campo que se desenvolveu, através de observação do cotidiano da sala de aula e de interação com os atores sociais envolvidos, permitiram-me aprofundar os estudos dos motivos que influenciam os(as) alunos(as) a terem posturas e atitudes desrespeitosas e/ou de se envolverem com *bullying*, e sugerir possíveis medidas para minimizar a situação. Os sujeitos envolvidos foram alunos e professoras de 4ª séries do Ensino Fundamental, sendo a coleta de dados realizada no primeiro semestre de 2007, em uma escola da rede municipal, localizada na cidade de São Carlos-SP. As análises das observações indicaram que, dependendo da forma como o professor conduz a aula e o como se relaciona com os alunos, faz com que o ambiente se torne agradável ou não, portanto, o clima que se estabelece no interior da sala de aula tem influenciado a forma como os alunos se relacionam entre si e com o professor. O desrespeito aparece como uma resistência/forma de protestar contra algo que está incomodando ou uma reprodução das atitudes desrespeitosas a que o aluno é submetido. Analisando esse dados, ficou evidenciada a importância de se introduzir, na sala de aula, atividades práticas que possam valorizar o conhecimento que o aluno já possui e de resgatar os valores como respeito, companheirismo, humildade, solidariedade, que não estão sendo estimulados nas práticas de convivência social, sendo agravados no ambiente escolar, onde o individualismo, a brutalidade e a intolerância estão tendo um espaço significativo.

**Palavras-chave:** educação, desrespeito e *bullying*, relação professor-aluno.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 O que é bullying e desrespeito? (significado do termo e características).....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 Quem são os protagonistas do <i>bullying</i>? (vítimas- alvos; agressores-     autores; testemunhas – expectadores).....</b>	<b>8</b>
<b>1.3 Conseqüências: para o ambiente escolar e para os protagonistas.....</b>	<b>121</b>
<b>Capítulo 2: DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>132</b>
<b>2.1 Problematizando o Espaço da Pesquisa .....</b>	<b>132</b>
<b>2.2 Contextualizando o Espaço da Pesquisa .....</b>	<b>132</b>
<b>2.3 Sujeitos da Pesquisa .....</b>	<b>154</b>
<b>2.4 Metodologia .....</b>	<b>154</b>
<b>2.5 Instrumento da Coleta e Análise de Dados .....</b>	<b>154</b>
<b>Capítulo 3: ORGANIZANDO OS DADOS COLETADOS - ANÁLISE INICIAL .....</b>	<b>176</b>
<b>Capítulo 4: DIÁLOGO COM A LITERATURA .....</b>	<b>410</b>
<b>Capítulo 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>465</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>510</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>533</b>

## INTRODUÇÃO

A cultura capitalista, patriarcal, individualista e intolerante em relação às diferenças faz com que a instituição escolar passe a se estruturar enfocando de forma exagerada a competição, regras, avaliação, recompensa, e as pessoas se sentem pressionadas e vivem essas estruturas como bloqueios contextuais<sup>1</sup> que limitam suas opções e identidades e que podem contribuir para desenvolver atitudes de desrespeito e de *bullying*<sup>2</sup>.

Segundo Beaudoin & Taylor (2006):

Os bloqueios geralmente provêm da cultura em um sentido mais amplo. As famílias e as comunidades têm seu papel de enfatizar - ou de não enfatizar - certos discursos, bem como de acrescentar certas particularidades às crenças existentes, porém não as criam sem interferência externas (p.26).

Os bloqueios contextuais originam-se nas experiências das pessoas com os deveres culturais. Esses deveres podem produzir efeitos negativos dependendo do contexto. Quando o indivíduo se depara com alguma situação, na maioria das vezes, as soluções que surgem são influenciadas pela cultura que o cerca. Essa influência é muito forte sobre suas atitudes, principalmente no seu relacionamento e na forma de interagir com outras pessoas. Em outras palavras, inconscientemente, os indivíduos passam a valorizar o que a sociedade, de forma velada ou aberta, impõe. Um exemplo é a busca excessiva da beleza. Atualmente, o mundo da moda, *glamour* e sucesso, está precisando tomar providências para mudar essa visão retorcida do que é ser belo e, principalmente, que a beleza se conquista com a saúde, pois muitos adolescentes, por serem escravos da beleza, estão morrendo vítimas da anorexia.

É nessa cultura que a escola está inserida, que se valoriza a aparência em detrimento da essência da pessoa humana. Valores como respeito, companheirismo, humildade, não são estimulados nas práticas de convivência social, sendo agravados no ambiente escolar, onde o individualismo, a brutalidade e a intolerância tenham espaço significativo. Portanto, estamos vivendo com uma cultura do medo, da desconfiança, da

---

<sup>1</sup> Segundo Beaudoin & Taulor (2006), os bloqueios contextuais são pressões invisíveis que limitam a percepção que as pessoas têm das possibilidades de jeito de ser;

competitividade, da insegurança e da representação do outro como inimigo e isso está reproduzido no interior das escolas. Além disso, a escola se tornou um espaço para a violência, pois algumas atitudes (falta de diálogo e de companheirismo) desenvolvidas entre professor e aluno e entre os alunos não chegam a ser percebidas como violentas. Os professores, em algumas das suas falas, desrespeitam, desvalorizam e depreciam seus alunos. Os alunos expostos a comportamentos agressivos, especificamente na família, aprendem a ser agressivos com esses exemplos.

O fenômeno violência escolar é um problema social, grave e complexo, pois muitas vezes se confunde agressão com indisciplina, por não se considerar atos de *bullying* e de desrespeito como sendo um tipo de violência e, também, por desconhecer suas conseqüências, que podem ser prejudiciais ao desenvolvimento social, intelectual e moral dos alunos, e que dificilmente a escola poderá reverter. Os profissionais da educação, em sua maioria, não sabem lidar e distinguir os alunos agressivos dos indisciplinados e, por isso, a importância de se estudar e refletir sobre esse assunto.

As vivências no cotidiano da escola ao longo do Curso de Pedagogia permitiram-me perceber que atos de *bullying* e de desrespeito estão muito presentes na escola, mais precisamente no interior das salas de aula, sem o conhecimento dos professores, e são encarados como indisciplina ou brincadeira da idade. Algumas crianças fazem brincadeiras inofensivas, e isto nem sempre pode ser caracterizado como *bullying*. É preciso avaliarmos a intensidade e o significado dessas atitudes. O *bullying* é uma forma de violência freqüente, ocorrida entre colegas dentro do ambiente escolar. Esse fenômeno é definido por sua intencionalidade e pela prolongação do ato. Essa violência acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. O termo *bullying* não possui uma palavra equivalente na Língua Portuguesa, porém várias ações podem ser entendidas como atos dessa natureza: apelidar, intimidar, humilhar, aterrorizar, bater, entre outras.

Neste estudo, utilizo a expressão atos de *bullying* para apelidos, para brincadeira que ofende, deprecia e humilha e para exclusão declarada dos grupos que acontece diariamente no contexto escolar. No ambiente escolar, tornou-se comum os alunos não se respeitarem, xingarem-se, apelidarem-se e utilizarem a força física como uma forma de mostrar liderança ou de se defender da agressão verbal. Percebi, também, que alguns

---

<sup>2</sup> Segundo Lopes Neto & Saavedra (apud Pinheiro, 2006) várias ações podem ser entendidas como atos de *bullying*, tais como: apelidos pejorativos e cruéis, atitudes de maltrato, intimidação, insultos, ameaças, danos físicos e materiais.

alunos até internalizam os apelidos e outros simplesmente não ligam, havendo muitos que se relacionam por agressões verbais e/ou físicas. Por exemplo, o ato de emprestar algo é motivo para se ofenderem, por não se ter o hábito de dizer “por favor” e “obrigado”. Com isso, a aula ou o momento que se passa dentro da escola, torna-se torturante para os alunos vítimas desse tipo de comportamento.

As práticas tradicionais na escola, por se concentrarem em regras (controle e disciplina), punições, recompensas, avaliações criam um contexto que estimula a frustração, o afastamento, e acabam por intensificar o problema. Devido ao ritmo acelerado e a pressão do dia-a-dia, as regras podem facilitar, porém as intenções da criação da regra são muitas vezes perdidas. Quando uma regra é considerada irrelevante é muito difícil se sujeitar a ela sem frustração.

Para Beaudoin & Taylor (2006):

Sistemas educacionais que possuem um grande número de regras que são determinados externamente e implementadas de formas diversas por pessoas diferentes enfrentam mais desrespeito e rebelião do que os sistemas que têm regras significativas e internalizadas como valores pessoais (p. 34).

A escola trata os alunos como produtos quando julga mais importante a medida quantificável, a nota de uma prova. *O modo, o que, com quem e com que* ritmo aprendem pode ser mais importante do que a quantidade excessiva de tarefas de casa sem significado e objetivo. Esta falta de vínculos e o tédio por suas opiniões não serem levadas a sério incentivam as interações desrespeitosas.

As avaliações são apenas um retrato de um momento específico do desempenho. Pensando nos alunos, esse tipo de avaliação pode ser prejudicial, pois estes não estão preparados para os resultados negativos que, muitas vezes, reforçam a sua incapacidade. Os alunos que sentem que estão sendo avaliados o tempo todo acabam por ficar desestimulados, perdem a confiança, pioram o desempenho, tornam-se intolerantes, impacientes, têm menos chances de se concentrar e, por esses motivos, é bem provável que passem a atormentar seus colegas de aula e a desrespeitar os adultos na escola.

Trata-se, portanto, um grande desafio mudar esse contexto, pois há casos de crianças e de jovens que, por muitos anos, convivem com o desrespeito e a agressão.

Nesse sentido, concordo com Beaudoin & Taylor (2006) que afirmam:

... tanto os educadores quanto os alunos acabam sentindo-se presos em

uma armadilha de um sistema que obriga os indivíduos a ser de uma certa forma (escola) e frustrados por estar lidando com um problema que é exacerbado pela sua própria existência nesse sistema (o desrespeito ou o *bullying*) (p.79).

As vivências mencionadas me levaram a alguns questionamentos sobre o que leva os alunos a se envolverem ou terem comportamentos desrespeitosos e como se pode promover a melhoria do ambiente em que passam boa parte do dia, pensando que a escola deva ser um espaço agradável, saudável e interessante para os alunos.

Segundo Socías (apud PINHEIRO, 2006, p.103), a escola deve ser um lugar seguro, no qual os alunos aprendam a ser pessoas no sentido amplo do termo; um lugar que as condutas de humilhação, sarcasmo, agressão e violência não devem ter espaço.

Para se ter um lugar seguro é preciso que a criança tenha liberdade, respeito e dignidade, estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A existência do *bullying* e do desrespeito vai totalmente contra esse direito. O artigo 17 da Lei n.º 8.069/90 (ECA) define que o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

A escola se tornou um ambiente em que se consegue o respeito através da chantagem, do grito ou da violência, fazendo com que haja desinteresse por parte dos alunos em relação à aula e ao ir à escola.

A postura do professor pode influenciar o comportamento dos alunos. Muitos professores podem não perceber posturas negativas que desenvolvem durante a aula, como, por exemplo, incitar a competição, desconsiderar o ritmo dos alunos (quem não termina com a maioria é porque é “lerdo”), não ouvir verdadeiramente seus alunos (dificuldades, necessidades), ou seja, há pouco diálogo entre professor-aluno. Quando os alunos não são ouvidos, estes se frustam e passam a atrapalhar a aula (em forma de resistência), mexer com os demais alunos e disputar a liderança.

A influência dos educadores sobre o comportamento dos alunos pode contribuir de modo significativo tanto para o progresso como para o fracasso. Assim, ...as atividades dos professores contribuem involuntariamente e cada vez mais para o acúmulo do desânimo, o que deixa os alunos mais oprimidos, atrasados e exaustos diante da quantidade de material a ser absorvido e dos conflitos subseqüentes (BEAUDOIN & TAYLOR, 2006, p. 36). Muitos professores podem não perceber posturas negativas que desenvolvem durante a aula, emitindo comentários competitivos para motivação dos alunos em

fazerem as atividades, porém desconhecem as implicações.

A competição, por um lado, pode ser a forma mais fácil de motivar as crianças a realizarem uma atividade até então cansativa, porém produz sérias implicações, lembrando que apenas uma das crianças será a vencedora e os outros sentirão frustrados ou desapontados. Também, pode promover entre os alunos uma mentalidade que traz as seguintes conseqüências: o compartilhar e o cooperar com os outros não se torna atrativo, aumenta a probabilidade de conflitos, cresce o desinteresse e o aborrecimento com as atividades não competitivas, a percepção do eu é movida pela conquista de status ou pelo ganho material.

A competição se torna mais prejudicial quando é o único elemento motivador em sala de aula e para os alunos que têm um comportamento inadequado é mais uma oportunidade para confirmar seu fracasso. É importante lembrar que muitas experiências em sala de aula são mais educativas e fecundas quando vivenciadas de forma não competitivas.

Segundo Alfie Kohn (apud Beaudoin & Taylor, 2006):

Somos dissuadidos de questionarmos porque as crianças são colocadas umas contra as outras em uma competição por recompensas artificialmente escassas, ou quais poderão ser os efeitos dessa prática a longo prazo sobre suas atitudes em relação a si mesmas. Ou entre elas ou à própria tarefa (p.30).

Nesse sentido, segundo Baker (apud PINHEIRO, 2006, p.13), o clima social da escola também influencia significativamente o engajamento dos estudantes em comportamentos agressivos. O que os educadores devem ter em mente, no dizer de Beaudoin & Taylor(2006), é que os comportamentos tidos como “problemáticos” e seus efeitos negativos, na verdade, nunca refletem os verdadeiros valores de uma pessoa.

A maioria das pessoas não escolhe ter problemas, mas acaba os tendo por sentir que não tinha outra opção. Uma das situações frustrantes vividas pelos professores é que os alunos que praticam atos desrespeitosos sabem que o praticam, dão a impressão de que se sentem culpados, porém continuam praticando. As causas para essa situação são as punições constantes que acabam por manter o problema e aumentar no aluno a frustração e o ressentimento.

O presente trabalho procura analisar as características da escola que influenciam o comportamento dos alunos, e através do contato com o contexto escolar, mais especificamente do cotidiano da sala de aula, pretendo aprofundar conhecimentos da

forma como eles se relacionam. Os objetivos deste estudo são: discutir o desrespeito e o *bullying* que acontecem no interior da escola e da sala de aula; acompanhar como ocorrem as posturas e atitudes desrespeitosas e/ou envolvimento com *bullying* e, com base no referencial teórico adotado, sugerir possíveis medidas que podem ser tomadas a fim de minimizar tais comportamentos.

Como foi uma análise dentro do âmbito escolar, desconsiderou-se a história de vida dos alunos, por motivos de falta de tempo para se aprofundar, porém se sabe que as relações que os alunos possuem fora da escola (na rua, com a família) são de suma importância para se compreender a raiz do comportamento desses alunos dentro da sala aula, o que facilitaria entender o porquê desse comportamento. Houve a preocupação em enfatizar como ocorria o ato de *bullying* e o desrespeito para focar os motivos e sugerir possíveis medidas para minimizar esse tipo de comportamento.

O Capítulo 1 consiste numa introdução teórica que abordará o conceito de *bullying* e desrespeito, os protagonistas do *bullying* e quais as conseqüências desse tipo de comportamento no ambiente escolar e para os envolvidos. O Capítulo 2 traz a contextualização e problematização do espaço da pesquisa, sujeitos da pesquisa, a metodologia, instrumentos e análise da coleta de dados. O Capítulo 3 apresenta uma primeira análise dos dados coletados que foi organizada da seguinte forma: primeiro, há uma descrição do que foi observado e, em seguida, comentários. O Capítulo 4 centra-se no diálogo com a literatura. Nas considerações finais, são retomados os objetivos, que me levaram a este estudo, e os dados, confrontando-os com a literatura, apresentando possíveis pistas para minimizar as relações conflituosas na escola e na sala de aula. Para finalizar, teço uma reflexão sobre as contribuições deste trabalho para a minha formação como pedagoga.



## Capítulo 1

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1.1 O que é bullying e desrespeito? (significado do termo e características)

Os comportamentos agressivos, anti-sociais e a falta de respeito que ocorrem no interior da escola são considerados como violência; uma dessas formas de violência que atualmente tem merecido destaque tem sido *bullying* ou intimidação entre pares. A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully*, que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a “valentão”. Essa terminologia *bullying* tem sido adotada para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional e repetitivo que envolve as relações interpessoais.

O fenômeno *bullying* se caracteriza como sendo um comportamento agressivo e/ou danoso que acontece de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima e não tem motivos evidentes, porém a rejeição às diferenças é de grande importância na ocorrência desse fenômeno.

Segundo Pinheiro (2006) esse comportamento violento se divide em dois grupos: o primeiro grupo se refere as ações diretas físicas (chutar, empurrar, bater, tomar pertences) e verbais (apelidos e insultos); e o segundo, as ações indiretas/emocionais através de boatos. A ação verbal é a mais comum. O papel desempenhado na situação *bullying* pode ser alterado pelas características dos envolvidos, a pessoa não é necessariamente a vítima ou a agressora.

Conforme colocam Beaudoin & Taylor (2006):

...os alunos vitimados tornam-se agressores, agressores passam a ser vitimados, e o desrespeito move-se furtivamente das relações entre alunos para as relações entre alunos e professores, e então para as interações entre professores e alunos (p.18).

Entre os autores de intimidação, que utilizam a força física, encontram-se os garotos. Um dos principais motivos é a influência da mídia que representa a masculinidade dos heróis através da força física. Já as meninas preferem formas mais sutis e indiretas para magoar e intimidar.

Um dos motivos do *bullying* e o desrespeito acontecerem com tanta frequência se deve ao fato dos profissionais da educação, responsáveis pelas crianças, estarem

ausentes dessa relação e, também, porque essas atitudes agressivas podem ocorrer de forma velada e em ambientes que estes não estão muito presentes (recreio, entrada e saída da escola).

Não se pode considerar ato de *bullying* algumas situações desrespeitosas, como apelidos sem fundo pejorativo, xingamentos ou brigas momentâneas (por não emprestar algo, por ter derrubado sem querer o material, etc). Esse comportamento se refere à falta de respeito, pois as crianças em determinada idade são bastante impulsivas, agem sem pensar nas conseqüências, xingam por estarem com raiva. Presencia-se nas escolas casos em que alunos brigam, de se xingar e bater, porém alguns minutos depois, voltam a conversar como se nada tivesse ocorrido, ou seja, toda aquela agressividade foi pelo problema do momento, mas não é uma rivalidade entre os alunos. Diariamente ocorrem brigas entre eles, porém nem sempre podem ser consideradas atos de *bullying*, mas mesmo assim, devem ter a intervenção do educador. Essa situação é diferente, pois o *bullying* acontece quando um ou mais alunos por nenhum motivo explícito implica(m) com outro(s) e tenta(m) por diversas formas (xingar de maneira que humilha, bater para machucar...) atormentar. Sendo assim, o ato de xingar e/ou bater tem uma intenção, ou seja, a intenção de irritar/ machucar o outro. Esse comportamento agressivo se repete diariamente sem ter um motivo que justifique o porquê começou e, com isso, nada garante quando irá terminar.

## **1.2 Quem são os protagonistas do *bullying*? (vítimas- alvos; agressores- autores; testemunhas – expectadores)**

A escola é um espaço da diferença, da diversidade, e é, exatamente por isso, um espaço de conflitos. A comunidade escolar, assim como nossa sociedade, tem a presença de pessoas com suas singularidades: diferentes tamanhos, etnias, visões de mundo, histórias de vida, modos de ser, sentir, agir e sonhar. A riqueza cultural do nosso país, na maioria das vezes, não é levada em consideração no cotidiano da escola.

A escola, dependendo do contexto em que está inserida, pode propiciar um ambiente saudável e agradável para a aquisição de conhecimentos ou pode promover um ambiente com fatores de risco, gerando o fracasso escolar e a exclusão dos alunos tidos como “problemáticos”.

Segundo Pearce & Thompson (apud PINHEIRO, 2006, p. 12) a intimidação entre pares é mais freqüente em escolas com alta rotatividade de professores, padrões de

comportamento não estabelecidos, métodos de disciplina inconsistentes, pouca organização, supervisão inadequada e falta de consciência das crianças como indivíduos. Se os indivíduos aceitam esse comportamento como normal ou o ignoram, isso faz com que se perpetue a violência na escola, acarretando um clima de tensão, maus relacionamentos, posturas agressivas e intolerantes em relação a toda comunidade escolar.

Os protagonistas (vítimas, agressores e testemunhas) deste tipo de atitude, pelo fato da escola não tratar desse assunto, não sabem o que podem fazer para modificar este quadro de violência. O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos, o que faz com que a vítima aumente o conceito negativo de si mesmo.

As vítimas ou alvos, expostos às ações negativas que causam danos, ferem e incomodam, são os indivíduos considerados mais fracos, pouco sociáveis, que têm temperamentos mais quietos, tímidos, passivos, transformados em objeto de diversão por meio de “brincadeiras” que machucam (física e/ou emocionalmente), que podem causar desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento, interferindo em seu desenvolvimento social, acadêmico e emocional. O medo, a ansiedade, a depressão, a insegurança e a baixa auto-estima são alguns dos problemas emocionais que têm por consequência fazer com que as vítimas abandonem a escola e evitem as interações sociais.

Os alunos que são alvos de intimidação desconhecem que estão sendo vítimas de abuso e, por isso, não procuram ajuda e não sabem como se defender. Segundo Pinheiro (2006), há dois tipos de vítima: a vítima passiva que não reage, nem procura ajuda, finge não ligar, porém sofre em silêncio e é o tipo mais comum, e a vítima-agressora, que reage com agressões verbais e/ou físicas quando são insultadas, o que piora a situação, pois o(s) agressor(es) aumenta(m) as provocações ou como forma de compensação, procuram uma outra vítima mais frágil para reproduzir os maus-tratos sofridos.

É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por medo das ameaças ou pelo fato de não ver como a escola pode ajudar. O silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados. Conscientizar as crianças e adolescentes de que o *bullying* é inaceitável e que não será tolerado permite o enfrentamento do problema com mais firmeza, transparência e liberdade.

Os agressores ou autores agem sozinhos ou em grupo, apresentam aversão às

normas, não aceitam ser contrariados, têm uma visão positiva da violência, acreditando que essa é a melhor forma para resolver seus problemas, são fisicamente mais fortes do que as vítimas, possuem um bom nível de auto-estima e desejam status, poder e/ou objetos materiais. Esse tipo de comportamento tem por consequência o envolvimento em situações de violência doméstica, delinquência e outros crimes. Geralmente são oriundos de família desestruturada, em que há parcial ou total ausência de afetividade e estão expostos à prática de maus-tratos físicos, o que favorece o desenvolvimento da agressividade nas crianças. É provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio.

As testemunhas, mesmo que não tenham envolvimento direto, podem desenvolver sentimentos negativos em relação ao ambiente onde ocorre o *bullying*, por terem medo de vir a ser a próxima vítima e, por isso, podem preferir calar-se, o que faz com que os autores interpretem esse silêncio como sendo a afirmação de seu poder. Quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas, na maioria dos casos. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário.

Quando nos deparamos com uma cena em que um ou mais alunos provocam outros, através de apelidos e xingamentos, é comum termos a reação de ajudar a vítima, tentar acalmá-la e fazer com que ela não dê ouvidos ou reaja ao(s) agressor(es) e de punir o(s) agressor(es), quando este(s) continuam com as provocações. Analisando essa reação, pode-se perceber que não surtirá nenhum efeito diante do que a vítima sofreu e do comportamento dos agressores.

Em relação à vítima faço algumas perguntas: Por que esta tem que se calar? Por que tem que ser humilhada e não pode fazer nada? Em relação ao(s) agressor(es), a punição pode ser considerada para este(s) como uma vitória, pois a vítima não conseguiu se defender sozinha e foi preciso a intervenção de um adulto (autoridade da instituição). Nesse sentido, o(s) autor(es) sabe(m) que terão outras oportunidades para continuar suas “brincadeiras” maldosas e, agora, tendo a motivação de se vingar por ter sido punido. E, com isso, o problema se agrava, as consequências e as marcas são mais difíceis de desaparecer. Depois da punição não mudar em nada a situação, a vítima desiste de procurar ajuda, isso quando tem coragem para o fazer, uma vez que sofre ameaças.

### 1.3 Conseqüências: para o ambiente escolar e para os protagonistas

Segundo Egea (apud PINHEIRO, 2006, p.9), a presença de violência torna o ambiente escolar um lugar hostil, propiciando um clima de aula tenso e gerando maus relacionamentos entre os alunos e mesmo entre estes e os professores. Portanto, como conseqüências, quando se desconhece esse problema ou não há intervenções efetivas contra o *bullying*, tem-se um clima de insegurança, tensão e estresse, deixando o ambiente escolar totalmente inadequado, uma vez que todas as crianças são afetadas, passando a ter um comportamento de ansiedade, de medo e de agressividade. Independente do quão envolvida a pessoa está em atitudes agressivas, tais ações deixam marcas profundas causando frustrações e comportamentos desajustados.

A vítima passiva é a mais prejudicada, pois os efeitos desse sofrimento, em silêncio, poderá se arrastar durante boa parte de sua vida. Sendo assim, poderá desenvolver ou reforçar a insegurança e a dificuldade de se relacionar, tornando-se uma pessoa retraída, com baixa auto-estima e com sérios problemas de comportamento na vida adulta. A superação dos traumas sofridos na escola poderão ser superados, parcial ou totalmente, dependendo das características individuais da vítima e de como se relaciona com os meios em que vive, especialmente a família.

Em relação ao agressor, o uso da violência não pode se consolidar como uma forma de resolução de conflitos, pois este irá reproduzir na vida adulta o modelo de relação anti-social que manteve na infância, adotando atitudes agressivas no meio familiar e/ou no ambiente de trabalho.

Pessoas que sofreram *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança freqüentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Com base nessas reflexões, pode-se concluir que de um modo geral atitudes desrespeitosas e *bullying* afetam toda a sociedade. O problema não começa ou termina dentro da sala de aula ou no interior da escola. A violência que vivenciamos todos os dias, em alguns casos ou na sua grande maioria, tem como responsáveis as vítimas ou os agressores desse tipo de comportamento. Ou seja, a escola reproduz o mundo lá fora e há reflexos das conseqüências vividas na escola na sociedade, sejam conseqüências físicas e emocionais, de curto ou longo prazo.

## Capítulo 2

### DESENVOLVIMENTO

#### 2.1 Problematizando o Espaço da Pesquisa

A escola, que chegou a ser chamada de “segundo lar”, aparece hoje, na visão de alguns, como “local perigoso”, pois está sendo palco de comportamento como brigas, ofensas, repressão, agressões físicas e psicológicas transformando em desagradável, para muitos alunos, a vida escolar. Isto, de certa forma, afeta toda a sociedade, pois esses atos agressivos derivam de influências sociais e afetivas, construídas historicamente e justificadas por questões familiares e/ou comunitárias.

Os pais não estão tendo condições de transmitir a base para um comportamento mais adequado, pois oferecem pouco referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e no afeto. A escola também se mostra incapaz para trabalhar com a afetividade. Os alunos se mostram agressivos, reproduzindo, muitas vezes, a educação doméstica. Os professores, algumas vezes, não têm conhecimento da gravidade do problema, o que o *bullying* e o desrespeito podem vir acarretar para a vida dos alunos e se mostram sobrecarregados, frustrados e desgastados com os conflitos em seu ambiente profissional. Devido a isso, alguns professores podem contribuir para o agravamento do quadro, rotulando com apelidos pejorativos que enfatizem algo negativo do aluno ou reagindo de forma agressiva aos comportamentos tidos como indisciplinados.

O desrespeito, ameaças e agressões verbais ou físicas dificultam o processo de ensino-aprendizagem, provocando evasão e repetência, e pode propiciar o desenvolvimento de violências maiores. O que provoca esse tipo de comportamento nos jovens não são propriamente os conteúdos ministrados, mas sim a ação pedagógica que se apresenta carregada de autoritarismo.

#### 2.2 Contextualizando o Espaço da Pesquisa

A unidade escolar selecionada como espaço de pesquisa é uma pública, municipal de Ensino Fundamental localizada em bairro popular da cidade de São Carlos, que atende alunos de nível sócio-econômico baixo. A construção do bairro, no qual a escola está situada, foi programada para que este fosse, essencialmente, uma área

industrial, e, devido a isso, a comunidade divide a área com diversas indústrias. A escola além de atender aos alunos que residem nesse bairro, atende também alunos oriundos de bairros próximos e de alunos que vêm do Norte, Nordeste e Sul do país.

A escola ministra no período matutino o Ensino Fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, no período vespertino o Ensino Fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. No período noturno atende aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola possui as seguintes dependências: 12 salas, 1 Diretoria, 1 secretaria, 1 sala de professores, 1 sala de biblioteca, 1 sala de computação, 1 sanitário masculino para professores e funcionários, 2 sanitários femininos para professoras e funcionárias, 1 pátio coberto, 1 cozinha, 1 despensa, 2 sanitários masculino – alunos, 1 sanitário feminino – alunas e 1 refeitório.

A sala de aula da Professora A<sup>4</sup> possui janelas com cortina, armários, ventiladores (um no teto e outros dois na parede), mapas (do Brasil e das regiões). A sala é bem arejada, as paredes e as carteiras estão rabiscadas. Pode se considerar um ambiente agradável, porém por estar perto do pátio se ouve muito barulho (crianças no intervalo, pois os horários são diferentes).

A sala de aula da Professora B possui uma porta, 2 ventiladores (o outro quebrou), janelas com cortinas, 1 armário, não tem nada colado nas paredes. O estado da sala (pintura, carteiras) é o mesmo que o da anterior, porém esta sala é abafada e o barulho de fora atrapalha mais, pois a sala acaba pegando o barulho pelos dois lados.

A comunidade escolar atendida, de acordo com os dados obtidos em pesquisa<sup>3</sup> feita através de um questionário aplicado pela direção da escola em março de 2006, é constituída por uma população cuja maioria vive com uma renda que varia de 2 a 4 salários mínimos, reside em casa própria com pai, mãe e irmão, há água encanada, luz, esgoto e a maioria das ruas são asfaltadas. São usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

A maioria dos alunos atendidos, no Ensino Fundamental, é do sexo masculino e de cor branca. A maioria das famílias não compra jornais, revistas e também não pratica esportes ou frequenta clubes. A maior parte dos pais possui o Ensino Fundamental incompleto e poucos o Ensino Superior completo. Entre a minoria dos alunos que

---

<sup>3</sup> Os dados dessa pesquisa foram retirados do Plano Político Pedagógico da escola.

<sup>4</sup> As professoras e os alunos foram identificados por letras maiúsculas para garantir o sigilo das informações.

freqüentam cursos fora da escola, destaca-se o de computação como curso mais procurado, seguido pelo curso de inglês.

### **2.3 Sujeitos da Pesquisa**

Os colaboradores deste estudo são alunos de 4ª série, variando em idade de 10 a 13 anos e a professora da turma. Houve a definição dessa faixa etária de alunos devido ao fato de estarem entrando na adolescência, sendo um período de maior problema com indisciplina, desrespeito e *bullying*. Com a finalidade de viabilizar obtenção de dados, tendo em vista o espaço de tempo para a conclusão do Trabalho de Conclusão do Curso, limitei o estudo a uma sala de aula. Iniciei as observações em uma sala de aula, mas fui orientada a ir para uma outra, tendo em vista os objetivos deste estudo.

### **2.4 Metodologia**

Uma investigação qualitativa requer flexibilidade, capacidade de observação e de interação com os atores sociais envolvidos. Mas, para isso, é preciso que antes de ir para a atividade de campo se tenha feito um estudo sobre o assunto. Para que se possa entender como ocorre o desrespeito e o *bullying* é importante observar o cotidiano escolar e a sala de aula. Mesmo considerando que o fenômeno da violência se manifesta no cotidiano familiar e nos grupos de sociabilidade, este trabalho privilegia a escola.

Na primeira fase do trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica, que norteou o caminho a ser percorrido, desde a definição do problema até a análise e interpretação dos dados coletados. A segunda fase foi o desenvolvimento da pesquisa de campo utilizando a observação do cotidiano em sala de aula, o contato informal com os atores sociais presentes, anotações e construção de um diário reflexivo.

Para a conclusão desta etapa do trabalho, elaborei um quadro de análise com comentários, procurando retomar as questões iniciais, o material coletado e elaborando algumas considerações finais.

### **2.5 Instrumento da Coleta e Análise de Dados**

Como instrumentos para coleta de dados utilizei a observação e conversas informais. A observação foi feita no cotidiano da sala de aula no primeiro semestre de

2007 (abril a maio). Estive presente em 9 períodos de 4 horas, totalizando 36 horas de observação.

Com a observação do cotidiano e as conversas informais, coletei o material que me auxiliou nas reflexões às indagações que me levaram a este estudo.

Analisar os dados qualitativos significou uma reflexão aprofundada e uma construção teórica que me ofereceram pistas para atingir os objetivos previamente propostos.

### Capítulo 3

#### ORGANIZANDO OS DADOS COLETADOS - ANÁLISE INICIAL

**Professora A- Total de alunos: 30 (11 meninas e 19 meninos)**

##### **Observação 1:**

**28 alunos (9 meninas e 19 meninos)**

Os alunos chegaram à sala e sentaram em suas carteiras. A professora entrou em seguida e perguntou quem iria almoçar, os alunos levantaram a mão e a professora autorizou a saída destes. Antes de iniciar a aula, pediu que eu me apresentasse aos alunos e depois me explicou que existiam quatro códigos na sala: Código 1- postura, sentar direito na cadeira, Código 2- atenção na explicação da professora, Código 3- silêncio (quando começa conversa paralela) e Código 4- é para quando algum aluno começa dar risada ou brincar num momento impróprio. Esses códigos são utilizados até pelos alunos para alertarem os colegas. A professora me adiantou que a sala é bem educada.

Iniciou a aula corrigindo exercícios de matemática (divisão de 3 algarismos). Durante a correção, perguntou para os alunos e estes participaram prestando atenção e não houve conversa paralela. Quando a professora estava explicando ou fazendo a correção, os alunos não escreviam nada no caderno, quando a professora terminava de corrigir, dava um tempo para que os alunos conferissem no caderno para fazer a correção. Enquanto os alunos corrigiam, a professora se ausentou da sala para falar com a diretora e depois conversou com outra professora. Os alunos se movimentaram mais, mexeram em objetos, porém não bagunçaram, falavam baixo com os colegas e o silêncio se manteve mesmo na ausência da professora.

A professora conversa com os alunos sobre os estudos e mantém um diálogo com os alunos, permitindo que estes falem.

Tem um certo barulho fora da sala de aula, porém como na sala os alunos ficam quietos a aula se desenvolve normalmente.

Em um momento da aula, um aluno deu risada do outro, pois ele estava usando a lapiseira rosa de outra aluna. Como a professora me adiantou, os próprios alunos utilizam os códigos com os colegas.

Quando bateu o sinal para o recreio, os alunos saíram de forma organizada e sem correr.

A professora fez uma pergunta sobre o conteúdo novo e um aluno ficou com medo de responder errado. A professora passou segurança para o aluno ao responder quando disse que ele estava na escola para aprender. Este aluno respondeu, não da forma correta, porém a professora soube conduzir e o aluno não se sentiu envergonhado.

Na aula de Educação Física os alunos se organizaram no pátio para fazerem o aquecimento, mantiveram-se de forma organizada. O professor, em conversa informal, me disse que aos poucos passa tarefas para os alunos e assim eles adquirem consciência e responsabilidade (ex: cada aula um aluno é responsável por fazer o aquecimento). O professor também trabalhou com os alunos o respeito à decisão do grupo e um ajudar o outro (companheirismo). As atividades da aula: pular corda, vôlei e futebol. Os alunos escolheram as atividades e se organizaram. No futebol tinha uma menina jogando com os meninos e também um aluno com deficiência física (problema no pé). Durante o jogo houve momentos de desentendimento e os alunos resolveram sem precisar da interferência do professor, que me disse que respeita a decisão do grupo, pois não é coerente ele interferir sendo alguém que está de fora do que aconteceu, mas claro que quando for necessário (ex: agressão física) o professor interfere. O professor fica sempre atento aos alunos e qualquer atitude desrespeitosa interfere explicando e conversando de forma amigável e conselheira com os alunos.

Quanto à metodologia do professor, os alunos têm autonomia durante as atividades e dificilmente o professor precisa intervir, sua função é auxiliar no desenvolvimento, no decorrer da aula. Mesmo depois da aula de Educação física os alunos voltaram para a sala e permaneceram com o mesmo comportamento anterior.

**COMENTÁRIO:** Dentro da sala de aula não consegui identificar nenhum caso de desrespeito, pois os alunos ficam bem concentrados na aula. A professora trata todos os alunos igualmente, com respeito, deixando os alunos falarem suas opiniões. Todos os alunos participam da aula prestando atenção, a professora poucas vezes necessita chamar atenção por conversa ou bagunça e mesmo com a sua ausência os alunos não bagunçam, somente conversam baixo entre si.

A professora fica bastante atenta e alerta quando algum aluno não está prestando atenção, sempre comenta pontos positivos dos alunos, tem uma grande preocupação com eles (em relação às faltas, ao entendimento do conteúdo) e conhece um pouco da

vida de cada um.

É importante o educador ressaltar o respeito com o próximo não apenas em discursos e sim em atitudes e isso será a consequência de um ambiente agradável.

Possuir uma rotina na sala de conhecimento dos alunos permite levar adiante as atividades com um mínimo de interferência. E, com isso, os alunos cooperam entre si e demonstram autonomia nas atividades e na resolução de problemas. Expressar reconhecimento, motivar os alunos e elogiá-los, reforça o comportamento adequado e incentiva a auto-apreciação dos alunos fazendo com que eles tenham orgulho do que são e com isso necessitam menos da opinião do adulto.

### **Observação 2:**

#### **27 alunos (19 meninos e 8 meninas).**

Início da aula: os alunos entraram pelo lado esquerdo da sala, sentaram nos seus lugares e esperaram a professora autorizar para que quem quisesse almoçar, pudesse sair. Os alunos já estão acostumados com a rotina escolar, poderia se dizer que estão "domesticados" às regras ou entendem o funcionamento delas. Esta sala é um lugar agradável para os alunos, apesar do barulho que se ouve do lado de fora. O momento de interação dos alunos é quando a professora está conversando com alguém, pois neste momento eles podem conversar entre si. Os alunos foram almoçar e a professora conversou com os que permaneceram na sala.

Assim que os alunos retornaram do almoço, iniciou a aula com expressões de matemática. A professora passou o exercício e junto com os alunos o resolveu; depois passou outros exercícios para os alunos resolverem e permitiu que eles sentassem em duplas. Conforme os alunos terminavam, a professora fazia a correção na lousa.

Na maioria das vezes, o ambiente da sala de aula era favorável aos trabalhos individuais (professora explica e os alunos copiam e fazem as atividades sozinhos). Em alguns momentos da aula a professora deixava os alunos dispostos em duplas.

Um aluno foi acertado por um pequena bolinha de papel. Este informa a professora, que pergunta para todos quem foi. Silêncio na sala. A professora, mesmo não sabendo quem foi, diz ao aluno, sem alterar a voz, que esse tipo de atitude não é adequado e retorna a aula. A professora quando se aborrece com algum fato, não altera o tom da voz, sua feição fica séria, porém permite que os alunos se expliquem.

A professora me informou de como foram organizados as 4<sup>a</sup> séries ( A, B e C),

todos os alunos das 3<sup>o</sup> séries do ano anterior foram separados por níveis (ruim, médio e bom) e depois foram divididos igualmente pelas três turmas. Acrescentou que a 4<sup>a</sup> série da Professora B está tendo problemas de comportamento.

**COMENTÁRIO:** O professor que tem o domínio do conteúdo, da forma de passar esse conteúdo (metodologia), não incitando a competição e se preocupando com as necessidades dos alunos, terá um melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem.

É interessante o professor distribuir os alunos na sala de aula de acordo com a atividade que pretende desenvolver, podendo criar um ambiente de colaboração ou de trabalho individual, pensando assim, num melhor desempenho dos alunos.

### **Professora B - Total de alunos: 32 (18 meninas e 14 meninos)**

#### **Observação 3:**

#### **30 alunos (16 meninas e 14 meninos)**

Conversei com a professora B sobre meu trabalho e ela me autorizou a ficar na sala. Logo que cheguei os alunos se preocuparam em arrumar uma carteira para eu sentar. No início da aula as crianças estavam bem agitadas, conversando alto, deixavam o material e saíam do lugar. A mãe de um aluno falava com a professora na porta da sala de aula. A professora conversou sobre o comportamento do aluno e a mãe, um pouco irritada com o que ouviu, deu “bronca” no filho e todos os outros alunos presenciaram a cena.

As crianças me receberam muito bem, ficaram empolgadas com a minha presença, recebi presentes, mostraram-me fotos, mostraram-se curiosos para saber o que eu estava fazendo e pensaram que eu era supervisora e estava lá para anotar quem estava bagunçando.

A professora, depois de conversar com a mãe, entrou na sala e com tanto barulho precisou alterar a voz para os alunos fazerem silêncio, chegando a discutir com um aluno. Ela fez alguns comentários em voz alta em relação ao comportamento inadequado de alguns alunos.

Na hora do almoço os alunos saíram desorganizados e correndo. Quando estes retornaram à sala, a professora anunciou que teria prova de história, entregou as folhas de almoço (uma por uma) para os alunos fazerem a prova. Quando a professora escreveu na lousa que era avaliação de história, os alunos ficaram um pouco quietos,

mas isso durou alguns segundos.

No decorrer da prova os alunos fizeram um pouco de silêncio. A professora elogiou um aluno dizendo que ele estava melhorando.

A professora me disse que o conteúdo da prova havia sido trabalhado no dia anterior e que já sabia que teria que dar outra e que os alunos não iriam bem.

Os lugares dos alunos foi a professora que escolheu, mesclou a sala colocando os que conversam muito perto dos quietos, mas ela mesma viu que não funcionou, pois "tem aluno que estraga os outros (líderes) e já vai fazer outro mapa da sala". Disse que os alunos são bem agitados, só alguns são "mal criados" que respondem e que depois do intervalo fica difícil de se trabalhar com a sala.

A aluna T me perguntou se eles bagunçavam muito. Em seguida me disse "você não viu nada, depois do recreio a gente volta atentado, eu respondo para a professora" - um discurso parecido com o que a professora havia comentado em voz alta no início da aula.

Depois da prova passa exercícios de matemática na lousa (expressões numéricas). Explica os exercícios, mas nem todos os alunos estavam prestando atenção, com isso a maioria não participou da correção (respondendo às perguntas da professora). A professora, durante algumas atividades, deixou que os alunos que sabiam ajudassem aqueles que estavam com dificuldades.

Os alunos ficam inquietos com a espera do sinal para o recreio e a professora queria que os alunos ficassem em silêncio.

Na volta do recreio as crianças gritavam, um aluno chutou o armário, brincavam de jogar o estojo do colega, e, nesse momento, a maioria participava. Eles pararam a brincadeira quando um aluno levantou da carteira e disse que eu estava marcando quem estava bagunçando. Mesmo assim, alguns alunos continuaram conversando, cantando, falando palavrões, até que um aluno avisou que a professora estava chegando.

A professora entrou e começou a corrigir o exercício que estava na lousa, os alunos bem agitados em querer falar sobre outros assuntos e a professora pede para eles pararem de falar para que ela possa corrigir. Durante a explicação os alunos conversavam, saíam do lugar, não prestavam atenção no conteúdo da aula, porém uma minoria participava da correção. Chamou os alunos para irem à lousa fazer os exercícios, mas avisou que quem pedia ela não ia deixar. A professora ocupa os alunos com atividades para eles ficarem quietos. Quando precisou se ausentar os alunos ficaram mais agitados.

A professora pede para o aluno P tirar o boné senão ela iria tirar dele. É norma da escola que os alunos não podem usar boné na sala de aula.

Em atividades que os alunos já sabiam o conteúdo, a professora pedia para se separarem (separar as carteiras que estavam em duplas) e disse que quem não estava obedecendo não iria para a aula de Educação Física.

Durante o decorrer da aula os alunos ficavam conversando sobre outros assuntos que não tinham a ver com a aula. E, em alguns momentos, se ofendiam com xingamentos relacionados à aparência física.

A professora, em semanas anteriores, não permitiu os alunos que bagunçaram de irem para a aula de Educação Física, pois já não sabia mais o que fazer em relação ao comportamento desses alunos. Mas, hoje permitiu que todos os alunos fossem para a aula para eu poder observar.

Os alunos estão ansiosos, agitados para irem para a aula de Educação Física e, também, estão preocupados para saber se vão. Falta pouco tempo para a aula de Educação Física, parece-me que a aula não estava mais tão atrativa e os alunos não conseguiam se concentrar e, com isso, aumentaram as conversas. A professora disse para os alunos que quem não terminasse a lição não iria sair. Como a professora não olhou os cadernos, os alunos perceberam que o que ela disse não passava de uma ameaça.

Quando o professor de Educação Física chegou na sala, estava um alvoroço, porém este professor, com muita paciência, fez com que os alunos se acalmassem e conversou sobre respeitar o outro. Quando comentou sobre alguma regra, foi explicando aos alunos. Por exemplo, na hora de escolher um aluno para fazer o aquecimento, os alunos começaram a gritar que queriam ir. O professor pediu silêncio e explicou para os alunos que não ia chamar quem pedisse, pois se escolhesse quem havia pedido teria que escolher a sala toda. Nesse momento, pediu para os alunos levantarem a mão quem queria fazer e o estagiário escolheu. Os alunos saíram sem correria da sala, foram para o pátio e se organizaram para começar o aquecimento.

O professor disse que evita interferir para que os alunos aprendam a respeitar a opinião do grupo. As meninas e os meninos jogam bola juntos. O professor falou que os alunos têm um bom entrosamento, mas que o espaço para a aula não é adequado, não tem quadra coberta, não tem piscina, não foi bem planejado, não tem tabela de basquete e que o espaço não foi bem aproveitado. Disse que o professor não pode ser autoritário, chegar gritando, porque assim não consegue o respeito dos alunos. Em uma de suas

falas disse que o professor tem que conquistar o aluno, chegar de forma amigável e saber lidar com as situações de conflitos. Comentou que os alunos não aceitam o erro dos outros, porém podem errar bastante, mas o outro não. No começo do ano os alunos brigavam bastante, hoje já se respeitam.

A professora da sala, em conversa comigo e com o professor de Educação Física, disse que no início da profissão era mais fácil manter a paciência, porém com os problemas do dia-a-dia foi dificultando esta postura.

**COMENTÁRIO:** O professor deve estar atento em suas atitudes e na comunicação verbal, pois os alunos percebem quando não estão recebendo a devida atenção, paciência ou respeito. A situação de desrespeito piora na sala de aula quando presenciarmos atitudes que constroem os alunos, suposições injustas, dando mais poder à outra pessoa, obrigando os alunos a serem amigos, fazendo comentários maldosos e não acreditando no que os alunos dizem. O educador deve expressar reconhecimento, motivar seus alunos, elogiar para reforçar certos tipos de comportamento que considere adequados. Portanto, a atitude de desmerecimento dos alunos, comentando algo negativo, está reforçando um comportamento inadequado. Lembrando que a opinião que um professor tem de um aluno geralmente afeta a opinião que esse aluno tem de si mesmo, pois as pessoas, muitas vezes, enxergam a si próprias através dos olhos dos outros.

Não é preciso que haja um silêncio total em sala de aula, as conversas entre os alunos podem ajudar na aprendizagem destes, pois pode haver trocas de experiências, contexto da vida de cada aluno e é interessante que o professor também participe. O professor tem que abandonar a postura de querer dominar. Na educação tradicional o professor é visto como detentor do conhecimento e os alunos ficam na posição de receptores. Sendo assim, os alunos não têm voz, sua experiência de vida não é aproveitada e só o professor pode falar, cabendo ao aluno ouvir e ficar quieto. É preciso a criação do vínculo afetivo entre o professor e seus alunos e entre os alunos para se ter um ambiente de respeito mútuo. Portanto, o professor dando espaço para que os alunos conversem com ele sobre assuntos que não necessariamente dizem respeito à aula faz com que se crie esse vínculo. Muitas vezes o educador não sabe administrar o tempo e o cronograma, por isso, evita fazer outras atividades que estão fora do que planejou para a aula.

A sala de aula se tornou um lugar de competição e de pressão para um bom

desempenho, ao invés de ser um ambiente em que os alunos possam colaborar para se sentir úteis, onde são escutados verdadeiramente e respeitados.

A interação professor-aluno e aluno-aluno são de fundamental importância na formação das capacidades cognitivas e afetivas, porém cada um deve saber claramente qual é seu papel e quais são suas responsabilidades diante do outro. Trabalhar coletivamente é saber explicitar a sua opinião, respeitando e compreendendo a do outro, discutir as dúvidas até chegar a um consenso.

Um ambiente favorável à função da escola, ensino-aprendizagem, está ligado à relação entre os indivíduos que estão ali inseridos e nessa relação, podem aparecer os conflitos. O educador tem que criar um clima agradável em sala para que transcorra bem sua aula, porém o que presenciamos no dia-a-dia é uma realidade muito diferente. Os conflitos entre os alunos acabam desestabilizando o ambiente, o professor, muitas vezes, não sabe o que fazer e passa a utilizar o ensino como procedimento de castigo, privando o aluno, que bagunçou durante a aula, de alguma atividade escolar que para os alunos é prazerosa (por exemplo, recreio, aula de Educação Física, Computação, Educação Artística etc).

#### **Observação 4:**

##### **31 alunos (17 meninas e 14 meninos )**

Assim que cheguei na sala um aluno veio falar comigo, queria saber se eu era supervisora ou ajudante da professora.

A professora deu alguns recados para os alunos que estão conversando muito durante as aulas e, por isso, estão indo mal nas provas.

Alguns alunos apresentam postura de resistência ao aluno A que senta na primeira carteira perto do armário. Ele pediu para os alunos R e V afastarem a cadeira, estes se recusaram e o aluno A foi e afastou a cadeira do aluno R que levantou e quis brigar. Estava perto e pedi que a briga não continuasse, sugerindo que o aluno A falasse com a professora que fez com que os alunos afastassem as carteiras.

Os alunos foram divididos em dois grupos, um foi para a aula de computação e o outro grupo fez a prova de Português. Enquanto os alunos estavam fazendo a prova, a professora passou o estêncil de outras atividades e, assim, os alunos conversavam e trocavam informações com os colegas.

O aluno A todo o tempo falava com a professora, fazia perguntas, comentava sobre os alunos (fulano fez tal coisa). Os alunos não gostam desse tipo de atitude, tratam

mal e ofendem.

Depois da prova, a professora pediu para os alunos abrirem o livro de português e fazerem a leitura. A professora confessa que está desgastada e um pouco frustrada em relação ao comportamento de alguns alunos. A professora fez ameaças, mas nem sempre pode cumprir com o que diz. Por exemplo, durante a leitura, pediu para um aluno iniciar e depois vai chamando o nome e este continua a leitura de onde parou. Ameaçou dizendo que quem não estivesse acompanhando iria ficar em pé. Com isso a grande maioria acompanhava, porém o aluno A foi chamado e não sabia onde estava a leitura, o aluno S lembrou da ameaça. A aluna T, que senta ao lado, ajudou e a professora não cumpriu o que havia dito anteriormente.

Alguns alunos reclamaram da forma como foram distribuídas as aulas, fizeram sugestões de como seria melhor se cada dia tivesse uma aula diferente, se referindo às aulas de Educação Física, Educação Artística e Computação. Reclamaram que na quarta-feira eles só ficam em sala e na sexta eles têm aula de Educação Física e Educação Artística. Durante essa conversa dos alunos a professora estava passando atividade na lousa.

Depois do recreio, o grupo que estava na aula de Computação retornou à sala e o outro grupo saiu.

**COMENTÁRIO:** A saída para o almoço, recreio, para aula de computação e durante as atividades que os alunos copiam e resolvem exercícios são os momentos em que há maior probabilidade de surgirem conflitos, discussões e ofensas. Os alunos se xingam sem nenhum motivo aparente, apenas para provocar. Se o aluno ofendido não ligar, a discussão cessa, porém se este aluno não aceitar as provocações os alunos começam a discutir (bate boca), mais xingamentos chegando até à agressão física. A professora não tem como estar atenta a tudo o que acontece entre os alunos e, por isso, muitas vezes só percebe que está acontecendo algo de estranho quando os alunos já estão bem exaltados e partindo para a violência física. Nessa situação, a professora não irá procurar saber quem começou a discussão, quem é o culpado, qual o motivo, mas sim vai querer que o tumulto acabe para voltar à aula. Assim, a briga pode continuar longe da sala de aula. Por isso, é importante criar um ambiente agradável em sala de aula para que o desrespeito e o *bullying* não aconteçam, fazendo com que os alunos se interessem pelo conteúdo da aula e se sintam motivados em aprender. Se o aluno não tem quem o avise ou alerte sobre seu comportamento inadequado (xingar/bater/desrespeitar) não tem

meios e nem motivos para mudar. O caminho para encontrar o respeito é uma das funções do professor, que deve mostrar, através de atitudes e de um ambiente respeitoso, como é mais agradável aprender e, assim, fazer com que os alunos levem essas experiências para a sua vida (em casa, na comunidade).

Os alunos não entendem o real sentido de uma avaliação e, por isso, não se preocupam em estudar e preferem copiar dos colegas aquilo que não sabe. A avaliação não pode focar apenas notas e conceitos, deve ser considerada como favorecedora da melhoria da qualidade da aprendizagem e, para isso, não pode funcionar como forma de amedrontamento para os alunos. Esta ajudará o professor para uma reflexão contínua sobre a sua prática e criação de novos instrumentos de trabalho. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas e dificuldades.

### **Observação 5:**

#### **32 alunos (18 meninas e 14 meninos)**

Início da aula: os alunos estavam menos agitados, havia menos barulho dentro da classe e a professora conversava num tom normal. Cada dia um aluno é responsável por apagar a lousa.

Houve, neste dia, Prova de Ciências para os treze alunos que não conseguiram ficar com média. A professora pediu para esses alunos sentarem na primeira e segunda fileiras perto da porta para fazerem a prova, enquanto que o restante fez a leitura e cópia da página 21 do livro de ciências.

A professora e os alunos reclamaram do barulho do lado de fora, por isso, tem momentos que a professora precisa fechar as janelas e a porta. Assim, o barulho diminui, porém a sala fica muito abafada. Realmente, o barulho do lado de fora incomoda muito e, se a sala também estiver barulhenta, torna-se insuportável permanecer nela e muito difícil de se concentrar na aula.

Durante a aula, presenciei vários momentos em que alguns alunos brigaram ou discutiram com o aluno A. O aluno A se distrai com facilidade, não copia a lição, a professora fica o tempo todo falando para ele copiar e, por isso, não vai poder ir à aula de Educação Física.

A professora recolheu as provas e passou na lousa um texto sobre a vida de Monteiro Lobato. Olhou os cadernos dos alunos para ver quem já tinha terminado de copiar.

A sala estava abafada, pois a porta estava fechada, as janelas também, e apenas

um ventilador no fundo da sala ligado. No final da aula os alunos estavam cansados e atentos ao que acontecia fora da sala.

**COMENTÁRIO:** Quando os alunos têm necessidade de sair todo o tempo, ficam conversando sobre outros assuntos, não fazem a lição, agridem e/ou discutem com os colegas: essas são manifestações de insatisfação. Esses comportamentos são pistas para o professor perceber que algo não está bem. Propor atividades interessantes, desafiadoras e diversificadas faz com que os alunos tenham algo para ocupar seu tempo em sala de aula, não dando espaço para provocações. Aula com cópia de texto não é interessante e só tem como objetivo ocupar os alunos para ver se eles ficam quietos. Mas, na prática, os alunos, diante de uma aula desestimulante procuram outras formas de ocuparem seu tempo que para eles são bem mais atrativas (brincar com os colegas, provocar, mexer no material do outro, sair do lugar, jogar papel e etc.).

As estratégias punitivas têm por finalidade utilizar estímulos desagradáveis para que o aluno evite e/ou renuncie seu comportamento dito inadequado, levando em conta que o castigo ou a punição são os métodos mais rápidos para acabar com tal comportamento. Porém, os professores, muitas vezes, não passam das ameaças e isso é percebido pelos alunos.

Em situações de discussões ou agressões físicas é importante ouvir as explicações dos alunos envolvidos, tentar compreender os motivos das discussões, pois assim poderá minimizá-las.

### **Observação 6:**

#### **32 alunos (18 meninas e 14 meninos)**

Entro na sala e observo que os alunos trocam carteiras e cadeiras de lugares. Quando chegam na classe alguns alunos têm preferência pela cadeira mais alta (que são poucas) e carteiras limpas e as pegam mesmo quando outro aluno já está sentado, mas não está presente. Esse tipo de situação provoca discussões entre os alunos.

Quando os alunos retornaram do almoço, a professora iniciou a aula com exercícios de matemática. Passou um exercício por vez, esperou os alunos resolverem e depois corrigiu na lousa. Comentou que dessa forma os alunos fazem, ficam quietos e atenciosos à aula.

Quando um aluno xinga ou provoca outro aluno, este chama a professora, mas com tanto barulho a professora tem momentos que nem ouve e se a situação

desagradável continuar esses alunos partem para a agressão física.

Na sala de aula as crianças não podem mascar chiclete ou bala, porém todos os dias os alunos levam e a professora precisa mandar jogar no lixo, mas nem sempre a professora vê. Tem alunos que falam quem está com chiclete. As cenas de provocações se repetem. O aluno A pede com educação para os alunos R e V afastarem a carteira, mas estes não o fazem. Para que estes alunos não discutam a professora colocou uma carteira para afastá-los.

Para evitar brigas, a professora estabeleceu que os alunos não devem ir ao lixo. Os alunos tiravam folhas do caderno para irem ao lixo e no caminho provocavam e chutavam outro aluno. A professora permite que os alunos saiam apenas uma vez da sala para ir ao banheiro e tem um tempo limite da entrada até as 14:30h para ninguém sair. Os próprios alunos fazem o controle das saídas, anotando o nome de quem saiu no canto da lousa. Esse procedimento é interessante para se trabalhar a autonomia do grupo, porém o sair da sala, às vezes, é bom para a criança que já deve estar cansada e não está prestando atenção na aula, uns minutos que fique fora pode servir para que ela descanse e volte para aula com mais atenção.

A professora novamente avisa os alunos que estão conversando que não irão para a Educação Física. No momento que falou os alunos ficaram em silêncio, mas depois voltaram a conversar.

Os alunos que sentam na extremidade da sala ou precisam usar óculos, em alguns momentos, não conseguem enxergar o que está escrito na lousa e, por isso, precisam mudar de lugar e, às vezes, a professora não permitia por pensar que o aluno mudou para conversar.

Na espera do sinal para o recreio ou na espera para a aula de Educação Física ou computação os alunos ficam bem agitados e impacientes. Esse momento de espera para outra atividade faz com que os alunos não consigam mais prestar atenção na aula, ficando vulneráveis às provocações.

Com o barulho a professora, não ouve quando um aluno a chama, não ouve as discussões, precisa falar em tom alto para explicar e altera ainda mais o tom da voz quando precisa chamar atenção.

**COMENTÁRIO:** O professor deve saber o momento certo para tratar os alunos igualmente e o momento que precisa individualizá-los, pois nem todos têm as mesmas necessidades. Por exemplo, no caso do banheiro, que é uma necessidade fisiológica que

não dá para controlar. Se o aluno diz a professora que está apertado a professora tem que acreditar, pois assim mostra confiança e os alunos se sentem respeitados. Quando a professora deixa um e não deixa outro, os alunos ficam revoltados, se ofendem e não querem fazer lição. O professor precisa dialogar com os alunos e perceber suas particularidades.

O clima da sala de aula é construído tanto pela influência do professor quanto dos alunos. Portanto, a forma como o professor se relaciona com seus alunos influenciará na forma que esses alunos irão tratá-lo. O professor é o responsável por definir a dinâmica da sala e, por isso, não pode permitir falta de respeito dentro da sua sala. Se um aluno ofendeu ou bateu em outro, o responsável pela sala deve intervir para que essas atitudes nunca mais ocorram. O educador deve reavaliar sua forma de se relacionar com os alunos, abrindo espaço para se indagar sobre seu comportamento para ter em mente qual situação exige poder e direcionamento e quando é necessário dar espaço para os alunos pensarem, explorarem e se autodirecionarem.

### **Observação 7:**

#### **28 alunos (13 meninos e 15 meninas)**

Antes de iniciar a aula, como é de rotina, tem um período para o almoço. Nesse momento, a professora não passou lição esperando que os alunos retornassem e aqueles que permaneceram na classe ficaram conversando e fora dos lugares.

Esta escola não é tão rigorosa na questão dos uniformes, pois nem todos os alunos vão uniformizados e isso não é cobrado. Alguns alunos não gostam do lugar onde sentam ou querem variar os lugares onde sentam.

A aula começou com matemática. E foi trabalhado conteúdo novo: os números ordinais. A professora passou na lousa e os alunos copiaram e, ao mesmo tempo, conversaram, fazendo brincadeiras, porém alguns copiaram em silêncio. A professora pediu para parar a conversa e, assim, diminuiu um pouco o barulho.

Houve discussões entre os alunos. Os motivos, mais aparentes, para as agressões verbais e ou físicas são quando um aluno mexe no material do outro, quando o aluno é obrigado a fazer algo que não quer e quando sofre acusações injustas. Quando ocorre agressão física os alunos comunicam imediatamente a professora esperando que o “culpado” leve bronca. Mas, em outros casos, preferem agredir também.

A professora prefere que os alunos permaneçam no lugar e mantenham a sala em fileiras para poder passar entre as carteiras e ver quem está fazendo a lição.

A professora retornou a aula passando atividades na lousa para completar um quadro escrevendo por extenso os números ordinais.

O aluno A pediu para a professora esperar, porque ele estava atrasado. A professora respondeu que não iria esperar, pois eles estavam conversando e continuou a passar a atividade na lousa explicando com exemplos o que era para fazer. Nesse momento acabaram as discussões, alguns alunos conversavam.

A professora terminou de escrever as atividades na lousa e passou pelas carteiras para ver quem não havia feito a lição para mandar bilhete para os pais. A professora olhava para ver se o aluno havia copiado corretamente.

Hoje, sem muito barulho do lado de fora, a sala ficou com as janelas abertas e porta aberta (sala arejada).

O aluno A perguntou para a professora se hoje era dia de Tiradentes, pois viu no jornal uma reportagem. Nem deu tempo da professora responder e os alunos começaram a tirar sarro da pergunta e a ofender este aluno. A professora continuou a olhar os cadernos dos alunos. Quando o aluno A comenta algo é comum alguns alunos darem risada e aproveitam para provocá-lo.

Os alunos ficam mais agitados (conversando, saindo dos lugares, discutindo) quando se inicia ou terminar uma tarefa.

O aluno A provoca os colegas, mas tem momentos que este aluno está quieto e os outros vêm provocá-lo, uma forma de descontar algo que ele fez anteriormente. Os alunos que sentam na mesma fileira e na fileira ao lado do aluno A, às vezes, fazem coisas para provocá-lo e só ele acaba levando bronca da professora. O aluno A não acompanha as atividades, fica todo tempo virado para trás ou em pé perto da sua carteira provocando ou caindo nas provocações.

A maioria das discussões envolve o aluno A e este acaba sendo rotulado como o “aluno problema”.

Na aula de Ciências, a professora pediu para os alunos abrirem o livro na página 22. O aluno A continuou provocando. A professora aconselhou os alunos a ignorarem, porém os alunos começaram a provocar também. A professora fez a leitura do texto e a maioria dos alunos estava concentrada. A aluna T tentou provocar o aluno A, porém percebendo que eu estava olhando parou.

Muito barulho do lado de fora devido o recreio de outras turmas.

A professora, após a leitura, propôs um trabalho em dupla dentro da sala, mas mudou de idéia porque sabia que os alunos iriam fazer bagunça e então propôs que

fizessem em casa. Os alunos reclamaram e disseram que preferiam fazer durante a aula. A professora nem discutiu sua proposta. O aluno A estava quieto vendo o livro didático. A professora saiu por um instante da sala, alguns alunos levantaram dos lugares e foram até a porta para ver o que a professora foi fazer. A conversa aumentou.

Com tanto barulho, dentro e fora da sala, ficou difícil de entender o que a professora havia dito sobre a atividade e, com isso, os alunos ficaram sem saber o que era para fazer. Os alunos estavam bem agitados e fora dos lugares. A professora retornou à sala e explicou, como se já estivesse bem explicado, porém mudou a proposta, agora propondo para os alunos começarem a atividade em sala e terminarem em casa, um trabalho individual, só sentam juntos os alunos que não têm o livro (o Estado não mandou a quantidade certa de livros didáticos, por isso na sala tem alunos que não têm livro).

Começou a chover, os alunos que estavam no recreio começaram a gritar e, com isso, aumentou o barulho. A professora fechou a porta e as janelas. Os alunos mudaram as carteiras de lugar, juntando com os colegas e desfizeram o formato inicial da sala (carteiras enfileiradas).

A professora novamente leu e explicou o que era para fazer no trabalho e distribuiu folhas para os alunos.

O aluno A tentou provocar a aluna T, que fingiu não escutar. Este não fez a tarefa porque estava sem livro (perdeu). A professora, ao saber que o aluno A havia perdido o livro, fez um comentário em voz alta dizendo que tem aluno bom que estava sem livro.

Quando a professora percebeu que alguns alunos mudaram de lugar e estavam sentados juntos pediu para eles voltarem imediatamente. A professora avisou novamente que só podia sentar junto aqueles alunos que ela sabia que não tinham o livro. Mas nem todos se separaram, a professora não percebeu, pois tentava controlar a sala. Havia alunos sentados juntos que ambos tinha o livro e isso causou discussões entre os alunos, porque se um pode todos podem.

Sem barulho do lado de fora, a professora novamente explicou o trabalho. Começou uma discussão sobre chiclete, pois tinha alunos na sala mascando. A professora disse que não ia mais ficar falando, iria anotar quem estava com chiclete e mandaria para a direção, pois isso é uma proibição da direção.

A sala estava abafada.

Na aula de Português, pediu para abrir o livro na página 33 (Gramática). Os

alunos fizeram a atividade do livro em meio a muita conversa. A professora avisou que quem estava conversando ela irá marcar o nome e não deixará ir para a aula de Educação Física amanhã. A professora foi até a porta e me disse que estava desanimada com essa turma de alunos, porque ela tem bastante tempo de experiência de magistério e nunca havia se deparado com uma situação assim. A sala não é ruim em rendimento, porém o que atrapalha é a bagunça.

**COMENTÁRIO:** Há diferença no como se passar as normas/regras da escola: tem a forma imposta e a forma em que a situação explica a regra fazendo com que o aluno entenda o porque está fazendo daquele jeito. Algumas normas ou regras são externas a sala de aula, ou seja, não são os professores que criaram, e sim a direção. Neste caso, o professor passa as regras para os alunos de maneira autoritária fazendo com que alguns alunos, que não entenderam o motivo da regra, passem a resisti-la.

As normas/regras, que têm por objetivo propiciar uma convivência respeitosa, não fazem sentido para os alunos e são formuladas em termos positivos (forma como se deve ser feita) ou referem-se as proibições (o que não deve acontecer). Não se trata apenas de convencer o aluno de não fazer tal coisa ou de não ter tal comportamento, mas basicamente de indicar-lhe opções que estejam a seu alcance e a maneira de realizá-las.

O professor, muitas vezes, se mostra frustrado e desgastado com os conflitos em sala de aula e não percebe que, ao enfatizar algo negativo dos alunos e/ou reagir de forma agressiva ao comportamento indisciplinado, está contribuindo para o agravamento da situação, ou seja, está contribuindo para o aumento das discussões e agressões físicas.

### **Observação 8:**

#### **31 alunos (17 meninas e 14 meninos)**

Cheguei na sala e os alunos estavam bem agitados, fora dos lugares e conversando em tom alto. A professora precisou aumentar o tom de voz para saber quem iria almoçar.

A professora precisou pedir, por várias vezes, para os alunos sentarem nos lugares. Muito barulho e conversa. A professora começou a escrever na lousa, nem todos os alunos estavam na sala, pois os alunos que foram almoçar não haviam retornado e os que estavam presentes na sala estavam pegando o material e

conversando.

O aluno A estava em pé, pois não queria sentar na cadeira baixa. A professora então falou para ele ficar em pé. O aluno B ofereceu sua cadeira, porém a aluna T não deixou e lembrou que a professora havia dito para ele ficar em pé e o aluno B voltou com a cadeira para seu lugar. O aluno A sentou na cadeira baixa mesmo.

Neste momento, a ajudante da direção entrou na sala e comunicou à professora que a psicóloga queria conversar com o aluno A. Com a saída deste aluno, alguns alunos fizeram barulho (uma pequena vaia). A professora pediu para os alunos ficarem quietos, lembrou que hoje terá Educação Física e que não se importava de ficar com todos os alunos na sala.

Na aula de história, a professora começou a passar um texto sobre as comemorações do mês de Abril. O primeiro texto foi sobre a vida de Monteiro Lobato. A professora viu que o aluno P estava com uma faixa vermelha na cabeça e pediu que tirasse. Este aluno se recusou dizendo que ele não estava usando boné (segundo ele, boné é proibido, mas faixa não). A professora disse que ele não podia ficar com a faixa na cabeça. O aluno, mesmo contrariado, obedeceu à ordem da professora e disse que na escola não pode nada. Os alunos se agitaram e reclamaram das proibições. Os alunos disseram que irão fazer greve. O aluno S disse: "Daqui a pouco vão proibir de usar roupa". Enquanto os alunos discutiam, a professora continuou a escrever na lousa, não fez comentários sobre as reclamações dos alunos e pediu silêncio.

A professora explicou o texto, os alunos continuaram a conversar alto e a professora precisou aumentar o tom da voz.

Com a ausência do aluno A, os alunos conversavam, brincavam, davam risadas, porém não tinha discussões entre os alunos. A professora começou a passar o segundo texto na lousa que era sobre a vida de Tiradentes. Um aluno comentou que o sobrenome de Tiradentes é igual ao dele e a aluna R falou com sua colega o que sabia sobre Tiradentes.

A professora perguntou para os alunos porque falavam tão alto. Uma aluna comentou que no ano passado o professor deixava a classe fazer bagunça.

A professora, em tom de voz alto, pediu silêncio e avisou aos alunos para não deixarem o estojo em cima da carteira.

A aluna R comentou em voz alta que tinha um monte de gente com estojo em cima da carteira e, por isso, não achava certo guardar os seus. A aluna I, que senta ao lado da aluna R, achou que não tinha sentido o que a professora pediu e questionou por

que não podia. Os alunos se agitaram e comentaram que tinha gente que estava com o estojo em cima da carteira, com isso, surgiu mais discussões. A professora terminou de passar o segundo texto e andou pela classe, passando nas carteiras para ver quem tinha feito a tarefa de casa e avisou que quem estivesse conversando, iria Ter o nome anotado e ela não deixaria ir para a aula de Educação Física.

A professora corrigiu os cadernos e explicava quando estava errado. Disse em voz alta que com a classe tinha que ser na base das proibições, pois só assim eles entendiam, e avisou que vai abaixar a nota dos alunos que tiverem com a tarefa incompleta, pois nota do boletim não é apenas a nota de prova.

A aluna J (também representante da classe) desenhou na lousa o Tiradentes. A professora não terminou de ver os cadernos e voltou a escrever na lousa um terceiro texto (Dia da Fundação de Brasília). Estava muita conversa entre os alunos, a professora interrompe sua escrita para chamar atenção dos alunos pedindo para eles ficarem quietos. O aluno V disse para a professora que seu irmão se chama Juscelino, pois na lousa estava escrito o nome do fundador de Brasília (Juscelino Kubtschek Oliveira).

A aula foi interrompida, pois começaram a consertar o vidro da janela da sala que estava com um pedaço quebrado. Com isso, os alunos ficaram agitados pelo barulho e por curiosidade de ver como consertava. Mas logo a curiosidade passou e os alunos voltaram a copiar o texto e continuaram conversando. A professora terminou de passar o texto, explicou e os alunos participaram. Enquanto o aluno R apagou a lousa, a professora olhou umas folhas que uma aluna de outra sala lhe entregou. Algumas alunas que sentam no fundo conversavam sobre o jogo de futebol da aula de Educação Física, estavam montando o time. A professora voltou a passar pelas carteiras.

A professora comentou, em voz alta, que o aluno A não estava na sala e, mesmo assim, estava muita conversa, pois os alunos dizem que é o aluno A que perturba a sala. Nesse momento, o aluno A entra a sala (ficou uma hora fora). Assim que chegou, os alunos comentaram que este aluno tinha bastante lição para copiar e a professora já tinha apagado. A aluna T perguntou para a professora do que morreu Juscelino. A professora, que estava corrigindo os cadernos não respondeu, e alguns alunos começaram a fazer piadinhas de como ele morreu. O aluno A comentou que gostou de ter saído e que tinha desenhado. A professora disse para o aluno que estava bom, que era para ele sentar e ficar quieto.

O aluno S se desequilibra da cadeira e os alunos deram risada. Os alunos T e V começaram a provocar o aluno A, que não entrou na provocação, virou para frente e

começou a copiar o texto que estava na lousa.

A professora pediu para os alunos pegarem o livro de História, abrir na página 22 e copiarem um poema. Pediu para os alunos ficarem de boca fechada e retornou a olhar os cadernos.

O aluno B não fez a lição e nem a tarefa de casa e a professora, ao se referir a ele, não o chama pelo nome e disse que ele estava ocupando o lugar de alguma criança que gostaria de estar estudando.

Os alunos comentaram sobre o que a professora disse que iria fazer e não fez. Por exemplo, ontem a professora disse que quem esquecesse o livro iria ficar em pé. O aluno A não trouxe o livro e o aluno S avisou que ele iria ficar em pé, porém a professora não fez o que havia dito.

Bate o sinal para o recreio, alguns alunos se levantaram e foram até a porta, mas só saíram quando a professora autorizou.

Durante o recreio conversei com alguns alunos. Os meninos estavam revoltados e com raiva do aluno A, que ofendeu a mãe do aluno L. Esses alunos queriam bater no aluno A. Mas, com um pouco de insistência, consegui conversar com eles, o aluno P foi o que mais demonstrou interesse em me ouvir. Também conversei individualmente com o aluno A, que se mostrou bem atencioso em me ouvir. Durante o recreio, os meninos ficaram brincando que tinham uma gangue e nem se importaram com o aluno A, que ficou pulando corda.

Assim que retornaram do recreio, os alunos foram para a Educação Física, menos um aluno que preferiu ficar na sala e terminar a lição.

O professor de Educação Física, antes de sair da sala, conversou com os alunos e esperou que eles se acalmassem. O professor, durante as atividades, ficava sempre atento para que os alunos não brigassem e respeitassem o colega. O professor disse que, aos poucos, os alunos aprendem a respeitar a opinião do outro e percebe que todo mundo tem o direito de errar, pois durante o jogo os alunos não aceitam o erro do colega.

Por causa do tempo que parecia que ia chover, o professor inverteu a aula, primeiro deu as atividades para depois ir ao pátio fazer o aquecimento. Não se passou nem meia hora da aula e começou a chover e, por isso, os alunos foram para o pátio, onde outras crianças estavam no recreio correndo e gritando muito. Com o barulho ficou difícil para o professor dar a aula. Depois do aquecimento, propôs para os alunos pularem corda. Mesmo com o barulho os alunos se mantiveram organizados, sem

discutir, prestando atenção e participando da aula.

Os alunos voltaram bem mais agitados da aula de Educação Física, comentando sobre como foi a aula. A professora esperou os alunos se arrumarem nas carteiras. Passado um tempo os alunos ficaram quietos e conversavam baixo. Enquanto isso, a professora em sua mesa conversava com a representante (aluna J). Os representantes da classe precisavam fazer um relatório para ser lido no conselho do dia seguinte.

A professora disse para a classe que quando terminasse o relatório iria iniciar a aula de Português. Os alunos que terminaram de copiar o poema saíram dos lugares, conversavam e brincavam com os colegas.

Na aula de Português foi pedido para os alunos abrirem o livro na página 40. Os alunos tinham que ler, um de cada vez em voz alta. O aluno A não estava acompanhando a leitura, estava discutindo com o aluno V que estava fazendo barulho com a boca para irritá-lo. A professora chamou atenção do aluno A para a leitura, ele virou para frente e começou acompanhar. A sala estava em silêncio, os alunos estavam acompanhando a leitura. A professora chamou os alunos, aleatoriamente, para lerem, uma forma de ver quem estava realmente prestando atenção. Mas, como o texto é curto, nem todos os alunos fizeram a leitura. Depois da leitura, a professora perguntou o que os alunos tinham entendido do texto, alguns alunos se manifestaram dizendo que não tinha gostado. Os alunos levantavam a mão e respondiam. A professora propôs a atividade do livro que era fazer uma leitura silenciosa, fazer um quadro com as palavras do texto que não conheciam, tentar pelo contexto achar o significado e depois procurar no dicionário. Nem todos os alunos trouxeram dicionário e, por isso, dois alunos foram buscar na biblioteca. A professora se ausentou da sala para ir ao banheiro e pediu para que eu tomasse conta. Nesse momento, alguns alunos me perguntaram o que era para fazer, outros saíram dos lugares e ficavam na porta. A professora não deixou os alunos ficarem em dupla para fazer a atividade porque eles iriam bagunçar. Disse que enquanto eles não aprenderem a se comportar será assim. Por falta de dicionário a professora permitiu que alguns alunos sentassem em dupla. Conversou com os alunos sobre a bagunça que estava atrapalhando a sala da frente.

**COMENTÁRIO:** A partir do momento que o professor não chama seus alunos pelo nome, permite cena de humilhação (risadas e apelidos) ou chama atenção de forma a fazer com que a criança sinta vergonha, isso faz com que quebre o vínculo afetivo e dá espaço para o desrespeito e o *bullying*. O professor pode aproveitar os momentos de

risadas do colega, vaias ou qualquer atitude vexaminosa/constrangedora, de humilhação, para salientar aos alunos sobre o respeito ao ser humano e fazer as crianças refletirem sobre suas ações. Porém, vale ressaltar que as ações humanas não se baseiam exclusivamente em princípios lógicos, temos que levar em conta as emoções, os interesses e desejos. E, por isso, não basta somente fazer discursos sobre o que é respeito se dentro da sala a atitude do professor com seus alunos não se baseia nesse discurso, ou seja, o professor deve demonstrar respeito nas suas atitudes a começar ouvindo seus alunos. Devemos lembrar que as crianças, nessa faixa etária, estão desenvolvendo suas habilidades cognitivas, por isso ainda não compreendem relações de causa e efeito e não fazem previsões sobre as conseqüências de suas ações.

Se o aluno tem um comportamento inadequado com a finalidade de conseguir o reconhecimento e a admiração dos colegas não adiantará o professor ignorá-lo.

### **Observação 9:**

#### **26 alunos (13 meninas e 13 meninos)**

Antes de entrar na escola encontrei duas alunas que vieram conversando comigo até a sala de aula. Uma dessas alunas me relatou que no dia anterior um aluno abriu a bolsa do aluno A e pegou sua tesoura. Um aluno achou a tesoura jogada no fundo da sala, porém não sabia de quem era e chamou a professora. O aluno A disse que a tesoura era dele, mas a professora não acreditou e foi preciso chamar a diretora que confirmou que a tesoura era desse aluno.

Quando cheguei à sala alguns alunos estavam formando fila na porta para irem almoçar. Na maioria dos dias que observei os alunos saíam desorganizados e até corriam para chegar primeiro na fila do refeitório. O aluno A me mostrou contente seu caderno de tarefa, pois havia feito toda a lição. Na fila para ir almoçar também é um momento de conflito, pois os alunos querem ser os primeiros.

A professora estava corrigindo o caderno de tarefa dos alunos. Os alunos que permaneceram na sala ficaram conversando fora dos lugares, brincando e por alguns momentos acabavam brigando.

A aula começou com exercícios de matemática (contas de divisão).

O aluno A levantou da carteira e ficou em pé em frente a carteira da professora. De repente a aluna T levantou, pegou o estojo do aluno A e jogou no chão. Eu perguntei para aluna o porquê dessa atitude e ela me respondeu que o aluno A amassou seu caderno de tarefa que estava em cima da mesa da professora. O aluno A disse que

colocou a mão sem querer. A professora, que estava passando matéria na lousa, ficou brava com o aluno A e disse em voz alta que este aluno não mudava, que já chamaram uma psicóloga, nada funcionava e que só quem vai dar um jeito é o NAI (Núcleo de Atendimento Integrado). O aluno A sentou e alguns alunos começaram a provocá-lo. Nesse momento, a professora falou para alguns alunos ignorarem o aluno A. Por algum tempo, os alunos tentaram ignorar este aluno, porém em outros tentaram provocá-lo sem a professora perceber.

Enquanto os alunos faziam os exercícios de matemática a professora terminou de corrigir os cadernos de tarefa. Quando os alunos ficavam mais agitados a professora andava pela sala olhando os cadernos para ver quem estava fazendo a lição. Comentou que já utilizou vários métodos com o aluno A, mas não resolveu e, quando este aluno falta, a classe é outra.

Quando a professora resolveu os primeiros exercícios na lousa os alunos ficaram quietos prestando atenção e alguns até participaram. Neste momento, o aluno A estava quieto, virado para frente e fazendo a lição.

Os alunos P, B e L, por várias vezes, durante a aula, tentaram provocar o aluno A, que em alguns momentos, por não perceber, não revidava às provocações.

O aluno V jogou sua borracha para o aluno D, porém a borracha quase acertou a mesa da professora, que estava sentada. A professora séria queria saber quem havia jogado a borracha, os alunos disseram que foi o aluno V que se explicou e a professora pediu para encerrar o assunto.

Alguns alunos sentaram junto para explicar os exercícios. Os alunos ficaram comparando os resultados para ver quem havia acertado. O aluno A permaneceu concentrado e sem conversar com ninguém.

Passado algum tempo, alguns alunos estavam bem agitados, levantando dos lugares e conversando alto. Esse comportamento se deve ao fato de já terem terminado de resolver os exercícios ou, provavelmente, não estão conseguindo fazer. A professora sabe quais os alunos que estão com dificuldade e pedia para outro aluno ajudar, pois segundo ela, às vezes, os alunos aprendem mais entre eles do que com a professora.

Os alunos próximos da professora começaram a provocar o aluno A, a professora percebeu e disse que o aluno A estava quieto e eles começaram a provocá-lo.

Quando se aproxima o horário do recreio os alunos ficam mais agitados.

Na volta do recreio, os alunos entravam e saíam da sala, só retornaram quando a professora chegou. Uma funcionária chamou os alunos P e S para conversar. Segundo o

aluno A, esses alunos tentaram bater nele durante o recreio.

A professora novamente pediu silêncio e, em seguida, terminou de corrigir os exercícios. Os alunos P e S retornaram a sala. Muito barulho fora da sala, alguns alunos dispersos olhando para fora da sala e outros prestando atenção na correção.

Os alunos pediam para a professora dar a aula de Educação Artística e a professora avisou que só dará aula se eles ficarem quietos e que será no final da tarde, pois eles desenham rápido e ficam conversando.

A professora passou na lousa contas de multiplicação e pediu atenção para explicar e depois passou pelas carteiras.

O aluno A pediu lápis emprestado, pois o seu estava quebrando a ponta com facilidade. A professora disse que não tinha. Então, este aluno veio até minha carteira me pedir, porém também não tinha e o aconselhei a pedir para os seus colegas. Ele disse que os alunos não iriam emprestar, mas mesmo assim pediu. Alguns alunos se recusaram, porém outros se mostraram bem solidários. O aluno B emprestou um lápis sem ponta e o aluno A reclamou. Os alunos em volta não concordaram com a atitude do aluno A e falou para ele apontar, este aponta, e volta para o seu lugar.

A professora pediu para alguns alunos fazerem a correção na lousa. Terminou a correção, os alunos pegaram o livro de Português, abriram na página 47. A professora fez a leitura de uma música que falava sobre os índios, os alunos ficaram quietos, prestando atenção e depois discutiram sobre o que foi lido. O aluno A não trouxe o livro, não prestou atenção e ficava cantando. Em seguida, foram propostas as atividades das páginas 47 e 48.

O material dos alunos também é motivo para discussões, pois tem aluno que pega sem pedir ou estraga.

A professora reclamou do horário do recreio. Acha muito cedo. Os alunos retornam do recreio e têm que ficar quase 3 horas dentro da sala de aula. Depois das 16:30 hs os alunos ficam mais agitados, cansados, e fica difícil para dar aula.

**COMENTÁRIO:** O comportamento do aluno A de levantar muito da carteira, prestar atenção na conversa da professora e dos demais alunos, de fazer comentários em voz alta ofendendo, criticando, de querer saber sobre tudo que acontece na sala não agrada os demais alunos, e isso gera muitas discussões. Este aluno se dispersa com facilidade tendo dificuldade de se concentrar na aula. Na maioria das vezes, as agressões não passam de xingamentos, porém os alunos não aceitam que xingam a mãe e nem que

mexem nas suas coisas e assim chegam às agressões físicas.

Os alunos sempre querem participar das conversas, mesmo quando a professora está falando com um aluno em particular. Os alunos dão palpites, expressam suas opiniões e, às vezes, isso é o motivo de muitas discussões, pois se um aluno fala algo que o outro não concorda ou não gosta, isso é motivo para as agressões verbais. Os alunos adoram brincar (provocar, xingar, tirar sarro) com os colegas, porém não aceitam esses tipos de brincadeiras, o que causa as discussões.

O professor nem sempre tem total controle do que acontece em sala de aula e os alunos esperam uma postura do adulto, mesmo sabendo que não é correto bater, xingar eles o fazem, porém esperam que alguém não deixe que isso aconteça.

## Capítulo 4

### DIÁLOGO COM A LITERATURA

As crianças, dentro e fora do ambiente escolar, são rodeadas por pessoas que influenciam seu comportamento. Pelo motivo de passar um bom tempo dentro da escola e esta ser reprodutora da sociedade, isso facilita a ocorrência de *bullying* e do desrespeito. O que pode minimizar esse quadro é dar voz à crianças, escutá-las verdadeiramente e mostrar que devemos tratar os seres humanos com respeito.

As crianças não têm controle total sobre seu comportamento. Não se pode entender que o agressor é uma pessoa ruim, pois assim iremos propor como solução a disciplina e a punição. Para o surgimento do interesse e compreensão tem-se que perceber que o aluno está tomado pela raiva quando comete atos desrespeitosos. Não se pode mudar a cultura, mas compreender que as crenças culturais e os bloqueios contextuais podem influenciar as pessoas a terem um comportamento que não é de sua preferência.

Pode-se observar também que para muitas crianças a palavra respeito é um conceito adulto e que não encontra nenhum elo significativo e útil em suas vidas. Não se pode falar em respeito se não existe um ambiente onde isso ocorra, pois para a criança produzir atitudes respeitadas precisa conviver num espaço de expressão dessa vivência. É preciso dar atenção à experiência dos alunos para se poder compreender e viver o contexto de sua experiência. Os comportamentos problemáticos e seus efeitos negativos nunca refletem os verdadeiros valores de uma pessoa e, por isso, o educador tem que valorizar e dar atenção para o que os alunos fazem de melhor, explicar o porquê do erro, ter uma relação harmoniosa e procurar elogiar, pois o que muitas vezes acontece, é que o professor salienta as características negativas dos alunos e, com isso, reforça um comportamento inadequado.

Acredito que a forma de se conduzir a aula, o como se relacionar com os alunos faz com que o ambiente se torne agradável ou não. O desrespeito com o professor e com os colegas aparece dentro da sala de aula como uma resistência/forma de protestar contra algo que está incomodando ou alguma contradição da escola ou é apenas uma reprodução das atitudes desrespeitosas que o aluno sofre. O incomodar o outro, o atrapalhar o andamento da aula faz com que se desestabilize o ambiente, cabendo ao

educador tomar atitudes que façam com que retorne o ritmo da aula. Mas, quais atitudes? O professor deve ignorar os fatos (negar o problema) ou punir o aluno que tem tal comportamento? Acredito que nenhuma dessas atitudes resolverá o problema. Há necessidade do professor intervir e reparar problemas de comportamento que podem ser um risco ou ameaça à integridade física do aluno, lembrando que ...um dos propósitos da escola é o de favorecer relações socialmente desejáveis e respeitadas entre os indivíduos que estão sob sua responsabilidade... (GOTZENS, 2003, p. 24). Porém, a intervenção que os professores, em alguns momentos, utilizam, baseiam-se em ameaças e estratégias punitivas que

mediante a utilização de estímulos e situações que desagradam o aluno, pretendem exercer uma ação de dissuasão sobre seu comportamento. O mecanismo aparentemente é simples: confrontamos o aluno que apresenta um comportamento perturbador com uma situação incômoda, e mesmo repulsiva, pra ele, com o propósito de, em vez de evitá-la, fazê-lo renunciar à atitude que lhe acarretou conseqüências tão desagradáveis. Teoricamente o castigo (...) é o recurso que melhor satisfaz a condição de imediatidade na interrupção do mau comportamento, desde que - e isso é importante-seja aplicado adequadamente (GOTZENS, 2003, p.81).

As normas e procedimentos para se manter a ordem na escola e na sala de aula devem ser de conhecimento de todos os membros da comunidade escolar. O adulto já internalizou o valor de se respeitar os outros, da importância da ordem para a concentração no trabalho, da necessidade de considerar os bens próprios e alheios. Para a criança tomar consciência do valor do respeito, da ordem e da convivência, é preciso ter a oportunidade de observar modelos que atuem de acordo com esses valores... (GOTZENS, 2003, p.46). A aprendizagem de valores e o desenvolvimento de atitudes requer um tempo.

(...) Não se pode confiar que o aluno 'imaginará' que o respeito a seus colegas e ao professor é 'lógico', que deve ficar em silêncio para que outros possam falar, que não deve destruir bens próprios ou alheios, etc. É preciso comunicar isso a ele - o que não é a mesma coisa que dizer -, de maneira a assegurarmos seu conhecimento, sua compreensão e as implicações de pôr isso em prática (GOTZENS, 2003, p.46).

Na sala de aula deparamos com uma diversidade de pessoas, diversidade de estilos, personalidades, de valores, capacidades, limitações, histórias de vida. O

professor precisa ser paciente com a curiosidade, dúvidas dos alunos e ter conhecimento que educação e o respeito com os colegas de sala e com o professor, não pode ser algo imposto, e sim construído através do diálogo no dia-a-dia, na convivência. O mau comportamento do aluno é visto pelo educador como sendo um problema da criança e, às vezes, não percebe que este problema foi provocado em decorrência do ambiente mal estruturado e desagradável em que ambos se encontram. A criança que ofende um colega ou o professor pode estar apenas reproduzindo um comportamento baseado na forma como está sendo tratada e vê na outra pessoa um jeito de recompensar o que sofre. O professor não pode achar que é "dono da verdade", "da sala", "dos alunos". É ...importante que o professor tome consciência da magnitude de sua influência sobre os alunos, bem como de se prevenir para que estes não o influenciem mediante expectativas criadas sobre ele... (GOTZENS, 2003, p. 56).

Quando um aluno possui um comportamento inadequado, não se pode pensar que é a escolha dele, mas se deve reconhecer que tal escolha foi criada através de influências dos fatores contextuais (conversa com os familiares e amigos, na experiência de vida na comunidade e pela TV).

Segundo Beaudoin & Taylor (2006) há vários fatores que contribuem para que alguém se envolva em condutas de *bullying* e de desrespeito e isso acontece por causa da falta de opções devido aos bloqueios contextuais. Com as punições e as recompensas, os alunos podem mudar o comportamento só para agradar os adultos ou por medo. A punição pode aumentar o ressentimento e a frustração e as recompensas obrigam os alunos a perderem tempo em busca de agradarem os outros e não no ato de autodomínio das suas ações.

As crenças tradicionais, que promovem o julgamento com base nos comportamentos aceitáveis formando os conceitos de certo e errado, estão presentes na sociedade e também se encontram no interior da escola. O que se deve ter em mente é que sempre é possível encontrar um contexto no qual o errado é sensato, pois todo ato tem uma razão que parece ser a única opção boa e válida naquele momento.

Neste sentido, para Beaudoin & Taylor (2006):

...existe uma distinção clara entre o certo e o errado, e que esta não pode ser simplesmente imposta aos jovens por observadores de fora (...) Alguns alunos que praticam o *bullying* talvez tenham aprendido a lutar pela sobrevivência em seu bairro e certamente sentem que é correto defender-se. Acreditamos, entretanto, na utilidade de auxiliar esses jovens a observar os múltiplos efeitos de suas condutas, a criar

um espaço próprio para reflexão e a determinar de que jeito preferem ser em relação aos outros (p.46).

A disciplina utilizada nas escolas não é tão positiva, pois tem por objetivo homogeneizar os alunos, tornado-os indivíduos sem atitude e passivos a qualquer ordem. É importante termos em mente a disciplina como algo construído e não imposto por alguma autoridade e que venha para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem.

Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias. Os professores precisam ficar atentos, por meio de observações, ao comportamento individual de cada aluno, assim podem identificar quem são os alvos e quem são os agressores, em que momento desempenham tais papéis ou em que situação acontecem os atos desrespeitosos e o *bullying*.

Os educadores podem ter um conhecimento mais amplo do que realmente acontece quando respeitam e escutam verdadeiramente seus alunos, estabelecendo um tipo diferente de conversa, *as conversas colaborativas* propostas por Beaudoin e Taylor. Nessas conversas, os indivíduos narram sua experiência de um modo verdadeiro e percebem quais elementos contribuem para o conflito. O educador cria um contexto no qual os alunos possam refletir a respeito de sua experiência e analisar sua postura. Assim, talvez estes não tentem provar nem defender nada e cria-se um contexto no qual pode surgir a compreensão e a resolução de problemas. A interferência deve ocorrer com a menor autoridade possível permitindo que os alunos pensem nas situações de um modo diferente e solucionem seus conflitos.

As conversas colaborativas fazem com que os alunos mudem por decisão pessoal, vejam com mais clareza o que desejam mudar, não é preciso vigiá-los, passam a ter um compromisso com as suas escolhas, os erros diminuirão e servirão de auto-avaliação. Cresce, também, a autoconfiança quando percebem os êxitos do novo comportamento, a partir do momento que percebem que são respeitados, sendo tratados como pessoas dignas de consideração passam a respeitar, começam a perceber os efeitos negativos do comportamento e o que podem fazer para mudar e agir de modo diferente.

O educador que sabe exteriorizar o problema<sup>5</sup> do aluno, entende que os problemas não são indicativos do que os alunos desejam ser, mas sim reações das quais

---

<sup>5</sup> Segundo Beaudoin & Taylor (2006) a exteriorização se refere a idéia de que os problemas talvez se desenvolvam devido a uma série de circunstâncias da vida e implica a percepção do problema como algo distinto da identidade da pessoa.

eles podem aprender a fugir e controlar. Com isso, os alunos passam a odiar o problema, dando maior visibilidade aos seus efeitos o que os torna mais capazes de agir e tomar decisões mais coerentes.

## Capítulo 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisa características do cotidiano da sala de aula que influenciam os alunos a adotarem posturas e atitudes desrespeitosas e se envolverem com *bullying*, tendo por objetivo acompanhar como acontecem e sugerir medidas para minimizar tais comportamentos.

A educação, em sentido amplo, significa desenvolvimento e socialização (contexto social e cultural) do indivíduo, e é calcada no reconhecimento, valorização e respeito mútuo. Porém, a escola transmite de forma explícita ou implícita uma ideologia cujos valores são centrados no individualismo, na competitividade e na falta de solidariedade quando enfatiza regras, avaliações, castigos e premiações.

Encontramos na grande maioria das escolas públicas uma pedagogia tradicional centrada no professor, cuja função se define em executar o cronograma, limitando-se a cumprir ordens, transmitir conteúdo, vigiar e controlar os alunos, através da quantidade de atividades que passa, da nota ou de punições e recompensas, ou seja, se preocupa com a disciplina e organização dos conteúdos. A metodologia baseia-se na exposição oral, cópia e exercícios repetitivos para garantir a memorização dos conteúdos, não tendo a preocupação em estabelecer relações do conteúdo ensinado com o conhecimento que o aluno já possui e que aprende fora da escola. Isso nos remete a um ambiente que não valoriza a afetividade nas relações professor-aluno e entre os alunos, criando uma situação de insatisfação para ambos, pois são relegadas as reais necessidades dos alunos e suas vozes.

É esperado que se respeite o ritmo e o nível de desenvolvimento dos alunos e que se trabalhe sempre buscando o avanço da aprendizagem. Os alunos não aprendem somente dentro da escola ou sala de aula e não somente com o professor. Estes aprendem com os funcionários da escola, a família, a igreja, mídia, os amigos e constroem seu conhecimento em outros locais da escola como, por exemplo, pátio, quadra, refeitório, cantina e etc. (...) É por força da legitimidade dos conteúdos acadêmicos transmitidos que se torna difícil, tanto a professores como a alunos, identificar como conhecimento válido seus próprios conhecimentos marginais, também sempre presentes na sala de aula (EDWARDS, 1997, p.68). Como educadores, temos que ter consciência de que a aprendizagem escolar e a aprendizagem social são importantes na vida dos indivíduos.

As observações realizadas permitiram constatar que algumas atitudes contribuem para que, muitas vezes, os alunos tenham um comportamento inadequado: atitudes desrespeitosas e postura dominadora/autoritária do professor que, faz comentários negativos, faz suposições sem ouvir o que o aluno tem a dizer; pune as crianças e não o comportamento. Sem diálogo, companheirismo e respeito no interior da sala de aula, não se cria um clima de confiança e responsabilidade e os alunos não têm autonomia.

Para se refletir sobre o *bullying*, é essencial promover a orientação, a conscientização e a discussão a respeito do assunto. Nem toda briga ou discussão deve ser rotulada como *bullying*. Cada caso deve ser observado e analisado segundo sua constância e gravidade para se entender a diferença entre um comportamento aceito e um abuso.

A equipe escolar deve criar e discutir as regras de convivência junto com os alunos, buscando soluções e respeitando as diferenças de cada um. Os pais, por sua vez, devem ser ouvidos e orientados a colocar limites claros de convivência.

A forma de se trabalhar com os alunos que têm esse tipo de comportamento é um tema que deveria ser mais discutido. Cada aluno(a) difere dos demais em condições fisiológicas, biológicas, psicológicas, intelectuais e no ritmo de trabalho, condições prévias à sua entrada na escola. Se a educação escolarizada deve atender de algum modo à peculiaridade das pessoas, é preciso ser conseqüente pedagogicamente com as diferenças (SACRISTÁN, 1998, p.258). Cabe a nós educadores(as) (re)pensar sobre nossa atuação, rever a forma de ensinar e refletir sobre nossas atitudes perante os educandos. Faz-se necessário, também, introduzirmos atividades mais práticas que possam fazer alguma diferença dentro da sala de aula, buscando resgatar o compromisso e a responsabilidade da escola para com os seus alunos. Nesse sentido, devem ser criadas situações educativas em que as vítimas de desrespeito recebam apoio e os agressores orientação para que compreendam a gravidade do que praticaram. Ser professor é estar em constante interação e transformação.

As estratégias para solucionar os problemas de comportamento dos alunos, ao contrário de que muitos pensam, estão em grande parte nas mãos dos professores que, muitas vezes, não sabem o que fazer, pensam que o aluno é o problema. Por isso, uma das soluções que encontram é a de se livrar do aluno, ignorando, castigando ou repassando o “problema” para outros profissionais.

Acredito que a aprendizagem deva partir do interesse do aluno, que o professor consiga desenvolver atitudes e valores, que sirvam para todos os grupos, para depois ministrar o conteúdo, que auxilie essa aprendizagem e que as experiências vivenciadas em outros âmbitos sociais devem ser levadas em conta dentro da sala de aula e utilizadas como ponto de partida na introdução de outros conhecimentos. Sendo assim, estaremos valorizando o aluno e dando espaço para que este construa seu próprio conhecimento tornando-se um ser crítico e autônomo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam a autonomia como uma das capacidades a ser desenvolvida pelos alunos, referindo-se à capacidade de posicionar-se criticamente diante de uma situação e/ou conhecimento, ter discernimento, saber cooperar em atividades coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc.

O trabalho em grupo, ao valorizar a interação como instrumento de desenvolvimento pessoal, exige que os alunos considerem diferenças individuais, tragam contribuições, respeitem as regras estabelecidas, proponham outras, atitudes que propiciam o desenvolvimento da autonomia na dimensão grupal. (BRASIL, 1997, p.62).

Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais o reconhecimento da importância da participação construtiva do aluno e, ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo (BRASIL, 1997, p.33). Portanto, o professor não é mais aquele que ministra todo o conteúdo aos alunos, mas sim aquele que fornece as informações necessárias que o aluno não teria condições de obter sozinho, assume o papel de mediador promovendo a confrontação das respostas, interferindo no pensamento e na agilização do raciocínio dedutivo deste, proporcionando um ambiente de trabalho que estimule o aluno a criar, comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar idéias.

Na formação de professores se valoriza muitas vezes, o conhecimento técnico, em lugar da aprendizagem. Os professores são reduzidos à tarefa de implementação e, com isso, também se reduz sua autonomia. O professor precisa ficar apto a observar, questionar e redimensionar seu cotidiano, mas para isso se faz necessário o permanente diálogo prática-teoria-prática.

O conhecimento vem da prática e é uma relação entre esta e nossas interpretações (teoria), porém não se reduzindo a isso. A teoria é um modo de ver e a reflexão constitui o questionamento sobre a prática possibilitando intervenções e

mudanças. Por isso, não podemos separá-las. A alienação encontra-se justamente na dissociação entre teoria e prática. Os professores que estão centrados apenas na prática podem resolver problemas mediante a aplicação da teoria e da técnica, mas quando não tem um referencial teórico não conseguem resolver a situação. Muitos tendem a limitar seu mundo de ação e de reflexão à aula. É preciso superar essa visão meramente técnica na qual os problemas se reduzem a como cumprir as metas que a instituição já tem fixadas. Para isso, requer a habilidade de problematizar as visões sobre a prática docente e suas conseqüências, indicando que o trabalho docente é uma tarefa intelectual e implica num saber fazer.

O Curso de Pedagogia me proporcionou estudar os processos possibilitando um confronto de conhecimento teórico com as situações vividas no contexto social e escolar. A construção desse trabalho contribuiu muito para a minha formação como pedagoga, pois me mostrou o quão importante é para os alunos e professores uma sala de aula com um espaço agradável e um ambiente favorável ao ensino e a socialização dos alunos no qual se respire confiança e estímulo capaz de oferecer modelos de interação positiva entre as pessoas, no qual a ação corretiva sobre os comportamentos não signifique rejeição às pessoas e no qual as relações de harmonia entre seus membros não sejam um obstáculos para assumir os papéis que competem a cada um (GOTZENS, 2003, p.50).

Na sala de aula é preciso que as carteiras não tenham lugar fixo (flexibilidade nas atividades), que as crianças tenham acesso aos materiais de uso freqüente, as paredes sejam utilizadas para exposição de trabalhos dos alunos e que estes assumam a responsabilidade de decoração, como também de ordem e limpeza da classe.

Sabemos que por causa da diversidade do ser humano, em relação aos interesses, valores, características, crenças, o conflito é algo inerente a sua convivência. Nesse sentido, a escola deve promover um programa que tenha como objetivo a convivência democrática e respeitosa do grupo, fazendo com que as crianças conheçam outras formas de resolução de conflitos que sejam coerentes com valores e princípios de justiça e solidariedade, em lugar de desrespeito e violência que comumente presenciamos no cotidiano escolar. Esse programa visa a reflexão e mudança de atitudes e valores individuais, práticas de diálogo e compreensão de diferentes pontos de vista.

Para melhorar a qualidade do ensino, na sua prática, é preciso a participação conjunta dos profissionais (orientadores, supervisores, professores polivalentes e especialistas) para a tomada de decisões sobre aspectos da prática didática, bem como sua execução. (...) O projeto educativo ou curricular das escolas deve ser discutido, decidido,

questionado e avaliado de alguma forma por todos os envolvidos no ensino (SACRISTÁN, 1998, p.247).

A complexidade da docência é o confronto com uma infinidade de diferenças com os quais o professor tem que conviver em sala de aula e com as quais tem de aprender a lidar.

(...) As particularidades se sobrepõem ao aluno genérico que se estudou nos cursos de formação. Por mais que se tente agrupar os alunos, criando novas 'entidade'(os fracos, os fortes, os médios, os indisciplinados, os quietinhos, dentre tantas outras categorias que se criam), cada um requisita a sua individualidade (MELLO, 1998, p.24-25).

O desafio da educação escolar contemporânea é o de fazer com que a aprendizagem dos conteúdos escolares possua sentido para os alunos, contribuindo para que se interessem por ela, diminuindo, assim, os conflitos que ali ocorrem, impedindo que possa cumprir sua função eminentemente social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDOIN, M.N.; TAYLOR, M. **Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Porto Alegre: ARTMED, 2006. 224p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 82p.

EDWARDS, V. Relação dos sujeitos com o conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Os sujeitos no universo da escola: um estudo etnográfico no ensino primário.** São Paulo: Ática, 1997, p.67-136.

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

GOTZENS, Concepción. **A Disciplina Escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento.** Trad. Fátima Murad. 2º ed. - Porto Alegre: Artmed, 2003.

MELLO, R.R. Tornar-se ao ser professor: as contribuições da literatura. In: \_\_\_\_\_. **Os saberes docentes e a formação cotidiana nas séries iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso múltiplos de tipo etnográfico,** 1998, tese (Doutorado em Educação), Centro de educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos.

PINHEIRO, F.M.F. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2006. 148p.

SACRISTÁN, J.G. Âmbitos do plano. In: SACRISTÁN, J.G. e GÓMEZ, A.L.P. **Compreender e transformar o ensino.** São Paulo: Artmed, 1998, p.233-293.

### SITES:

ARAÚJO NOGUEIRA, Rosana M. C. del Picchia de. **A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas.**  
Disponível em: <http://www.rioei.org/rie37a04.htm> Acesso em: 16 ago. 2006.

LIMA, Raymundo de. **“Bullying”: uma violência psicológica não só contra crianças.**  
Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/043/43lima.htm> Acesso em: 16 ago. 2006.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.**  
*J. Pediatr. (Rio de J.)*, Nov 2005, vol.81, no.5, p.s164-s172.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 16 ago. 2006.

MARTANI, Silvana. **É difícil ser criança.**

Disponível em: [http://guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=12&cd\\_news=5115](http://guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=12&cd_news=5115)  
Acesso em: 2005.

MERCATELLI, Veridiana. **Bullying. Não tem a menor graça!**

Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/revista/edicoes/126/artigo5055-1.asp>  
Acesso em: 16 ago. 2006.

**Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudantes.**

Disponível em: [www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br) Acesso em: 2005.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying: quando a escola não é um paraíso.**

Disponível em: <http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php> Acesso em: 16 ago. 2006.

SILVIA, Aida Maria Monteiro. **Educação e Violência: qual o papel da escola?**

Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida1.htm>  
Acesso em: 26 set. 2006.

\_\_\_\_\_. **A Violência na Escola :A Percepção dos Alunos e Professores**

Disponível em: [http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&q=cache:GDcoK64\\_jUIJ:www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p253-267\\_c.pdf+desrespeito+na+escola](http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&q=cache:GDcoK64_jUIJ:www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf+desrespeito+na+escola) Acesso em: 9 out. 2006.

SIMONS, Rachel de. Sinopse do livro **Garota fora do jogo - A cultura oculta da agressão nas meninas**. Tradução: Talita M. Rodrigues.

Disponível em: [http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro\\_ID=85-325-1697-1](http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro_ID=85-325-1697-1) Acesso em: 16 ago. 2006.

[www.observatoriodainfancia.com.br](http://www.observatoriodainfancia.com.br). acesso em: 16 ago. 2006.

**ANEXO**

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa A cultura do *bullying* e desrespeito na escola. Foi indicado em parceria com a direção da Instituição e sua participação não é obrigatória, podendo a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são: discutir o desrespeito e o *bullying* que acontecem no interior da escola e da sala de aula; desvelar os motivos que influenciam os(as) alunos(as) a terem posturas e atitudes desrespeitosas e/ou de se envolverem com *bullying*; sugerir possíveis medidas que podem ser tomadas e de que forma tais comportamentos podem ser minimizados.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em disponibilizar momentos de sua aula para que o pesquisador possa estar observando você e seus alunos, em suas relações no cotidiano da sala de aula, fazendo suas anotações com roteiro estabelecido, o que muito contribuirá com o estudo, que posteriormente lhe será encaminhado para análise.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação sendo que os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

---

Pesquisadora: Wilma Carin Silva

Pesquisador Principal: Profa. Dra. Elenice Maria Cammarosano Onofre

Endereço: Universidade Federal de São Carlos.

Departamento de Metodologia de Ensino.

Rodovia Washington Luís, Km 235. São Carlos/SP/Brasil.

Fone: 16 -33518373

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.